

HEBREUS

Introdução	Capítulo 3	Capítulo 7	Capítulo 11
Esboço	Capítulo 4	Capítulo 8	Capítulo 12
Capítulo 1	Capítulo 5	Capítulo 9	Capítulo 13
Capítulo 2	Capítulo 6	Capítulo 10	

INTRODUÇÃO

Declaração Introdutória. O estudante desta epístola deve compreender sua singularidade. Ela não é igual a nenhuma outra epístola do Novo Testamento, e apresenta problemas que são peculiares em si mesmos. Na forma de construção, no estilo, na argumentação e em relação aos outros livros da Bíblia, Hebreus se destaca.

Sua história tem sido cheia de controvérsias. Ela tem sido ignorada, sua autoridade tem sido desafiada, duvidaram de sua canonicidade, e foi implacavelmente estudada para determinar-se quem é seu autor. Há pouco tempo, análises críticas levantaram dúvidas quanto a certas porções da epístola, principalmente do capítulo 13. Se este capítulo foi acrescentado como um todo ou em parte, ou se já fazia parte da carta original, é um problema atualmente sob estudos.

O aumento do interesse pelo período helenístico em relação à história da civilização também influenciou o estudo da Epístola aos Hebreus. Alguns dos mistérios da epístola estão sendo agora comparadas à cultura helênica do mundo mediterrâneo oriental pós-alexandrino. Alguns mestres acham que as pessoas para as quais a Epístola aos Hebreus foi escrita foram diretamente influenciadas pela cultura helênica, e talvez fossem inteiramente helenizados. Tal ponto de vista tende a sugerir possíveis revisões de antigos pontos de vista quanto aos destinatários da epístola e seu propósito.

Tem-se dito que a Epístola aos Hebreus é a menos conhecida de todas as epístolas do Novo Testamento. O raciocínio limitado, a

terminologia sacrificial e sacerdotal, e o idealismo reinante no autor são apresentados como razões (Purdy e Cotton, *Epistle to the Hebrews*, Vol. XI, IB). Pode ser, mas uma coisa parece mais certa. A Epístola aos Hebreus é mais fácil de compreender quando há familiaridade com os cinco livros de Moisés. O laço inseparável do raciocínio limitado ao sistema levítico, liga o Pentateuco à carta aos hebreus.

Os problemas apresentados pelo livro são desafiadores. Em suma, eles envolvem sua autoria, destinatários, leitores, data, motivos e relacionamento com o Cristianismo, Judaísmo e cultura helênica do primeiro século.

Ocasão – Por quê? A apresentação clássica dos motivos da epístola é a que se segue. Os judeus cristãos, de simples congregações ou em grupos maiores, geograficamente mais espalhados, estavam em perigo de apostatar de Cristo, retomando a Moisés. Esta condição de apostasia era um perigo imediato (2:1), com base na incredulidade (3:12). A conduta insinuava uma possível apostasia (5:13, 14). A negligência dos cultos públicos (10:25), a fraqueza na oração (12:12), uma certa instabilidade doutrinária (13:9), a recusa em ensinar os outros, que é dever do crente maturo, (5:12), e a negligência das Escrituras (2:1) eram outros sintomas de fraqueza espiritual. O perigo estava em que aqueles que eram "santos irmãos, participantes da vocação celestial" (3:1) pudessem "cair" (6:6).

Para impedir tal desenvolvimento, o autor de Hebreus destaca a superioridade de Cristo em uma série de contrastes com os anjos, Moisés, Arão, Melquisedeque, e o sistema levítico. O objetivo de tais contrastes foi mostrar a inferioridade do Judaísmo e a superioridade de Cristo.

Conforme o escritor desenvolve seus pensamentos, ele entretece três conceitos. O primeiro é a exortação (13:22); o segundo é uma série de advertências, cinco em número (2:1-4; 3:7-19; 6:4-12; 10:26-31; 12:15-17); e o terceiro é a consolação ou a garantia, reunidos à volta do pensamento apresentado pela palavra "considerai" (3:1), que chega ao

seu ponto culminante na frase "considerai, pois, atentamente aquele que suportou . . ." (12:3). Com base nestes conceitos, o escritor argumenta contra a tendência à apostasia.

A linha do raciocínio desenvolvida pelos leitores-ouvintes era atraente. Se seguir a Cristo produzia perseguição, e o antigo carrinho da prática judia não, por que não retomar ao Judaísmo, reter uma religião e ao mesmo tempo ficar livre da perseguição? Opção atraente, é verdade. A resposta a tudo isto foi apresentada na Epístola aos Hebreus, conforme a superioridade de Cristo foi comprovada, passo a passo, contra as reivindicações do Judaísmo.

Há pouco tempo, esta opinião clássica sobre os Hebreus foi posta em dúvida. Alexander C. Purdy, no seu comentário introdutório a *Epistle to the Hebrews* (IB, XI, 591, 592), argumenta que esta opinião tradicional é apenas uma conjectura. Ele apresenta nove razões contra a opinião tradicional e então escreve, "Concluindo, Hebreus é um argumento da finalidade do Cristianismo que repousa sobre a prefiguração da instituição sacrificial no Velho Testamento, como necessidade fundamental do acesso a Deus, a qual foi revelada a todos os homens, judeus e gregos igualmente, no sacrifício de Cristo". De acordo com Purdy, a notável marca judia de Hebreus pertence mais à forma do que ao verdadeiro conteúdo de idéias. Ele prossegue, então, argumentando que o autor de Hebreus lutava contra uma forma de Gnosticismo e helenismo judeu-cristão, mais do que contra o Judaísmo propriamente dito, mas reconhece que a sua opinião continua sendo hipotética.

Se concordarmos com Purdy que o autor de Hebreus escrevia contra o Gnosticismo judeu-cristão centralizado numa cultura helênica, permanece o fato de que os temas principais do livro têm um caráter e argumentação judeus. Na realidade, Hebreus liga o Velho e o Novo Testamento na pessoa e obra de Jesus Cristo. Poderia se dizer que Hebreus é a extensão lógica de João 17, visto que relaciona a oração sacerdotal de Cristo com o Seu ministério de Sumo-Sacerdote. Assim

como a oração de João 17 registra a preocupação de nosso Senhor em que os crentes sejam atuantes neste mundo, também registra o pedido, "... que os livres do mal" (Jo. 17:15). A Epístola aos Hebreus fala desse livramento, sob as tensões e pressões da perseguição e da tentação da apostasia. Para demonstrar esse livramento, o autor de Hebreus equilibrou a doutrina com a exortação, o pastoral com o prático, a palavra de consolação com a palavra de encorajamento.

O Judaísmo, um "berço de conveniência" para os cristãos de nacionalidade judia, que estavam sendo perseguidos, foi assim exposto pelo contraste. O escritor determinou ajudar esses cristãos primitivos a enfrentarem as opções com conhecimento da diferença existente entre o Judaísmo e a obra de Cristo pelo ciente e no ciente. Tudo isto tinha a intenção de convencer da superioridade de Jesus Cristo os que estavam sendo provados.

Ao mesmo tempo, esta carta de encorajamento aos crentes do primeiro século contém auxílio para os dias de hoje. Nenhuma outra epístola do Novo Testamento responde tão claramente ao "por que" do sacrifício de Cristo, e da redenção oferecida através deste sacrifício. Nenhuma outra epístola do Novo Testamento figa tão claramente o duplo ministério de Cristo na qualidade de Filho de Deus eterno e Filho do Homem sofredor. Pecado, culpa, expiação e perdão são melhor compreendidos através da Epístola aos Hebreus. Esta carta também ajuda os leitores a alcançarem uma compreensão melhor das verdades e incidentes do Velho Testamento. Também, a diferença. entre o Judaísmo e o Cristianismo toma-se compreensível nos ensinamentos da Epístola aos Hebreus.

Johannes Schneider escreveu: "Hebreus é muito simples na estimativa que faz da vida real das igrejas. Ela conhece os perigos que ameaçam o povo de Deus na terra. Por isso ela admoesta a que se apeguem à fé e a que não sejam desleais a Cristo" (*The Letter to the Hebrews*, pág. 8). Com a ênfase que dá ao ministério sacerdotal de Cristo, os privilégios do crente em relação a Cristo, e suas fortes

advertências a que se desenvolva uma fé viril, Hebreus continua falando pos dias de hoje.

Data e Destino – Para Quem Foi Escrita. Um número de fatores regula a data da Epístola aos Hebreus. O mais importante desses fatores parece ser o conflito judeu-romano depois de 68 A.D. e a destruição do Templo em 70 AD. Nada foi mencionado sobre o conflito, o Templo, ou a destruição de Jerusalém. Por causa desse silêncio, a carta pode ter sido escrita antes de 68 ou depois de 80. A primeira data é a preferível, mas deve ser considerada em relação à menção de Timóteo (13:23) e da expressão "os da Itália" (13:24). Além disso, o conhecimento de Hebreus demonstrado pela Epístola de Clemente de Roma aos Coríntios (95 AD.) tem alguma influência sobre a data de Hebreus e talvez sobre o seu destino.

O argumento para datá-la tardiamente foi melhor exposto no IB, Introduction, XI, pág. 593, 594. Combinando argumentos justificados pelo uso de I Clemente como ponto de referência, o IB generaliza a data colocando-a em algum lugar entre os últimos anos da década de setenta e os primeiros da década de noventa, mas conclui depois que a data verdadeira é incerta.

Em contraste, Canon Farrar, *Cambridge Greek Testament* (daqui em diante indicado como CGT), representando as opiniões do século dezenove, e Gleason L. Archer, em *The Epistle to the Hebrews, A Study Manual*, ambos argumentam em favor de uma data entre 64 A.D. e 68A.D. O último escritor estreita então este período de tempo para a data real de 65 ou 66 como sendo a mais razoável, de acordo com as evidências internas e externas. Todas as opiniões quanto à data da epístola destacam a importância do silêncio da carta no que se refere aos acontecimentos em Jerusalém na sexta década do primeiro século.

Quanto ao destino, três teorias principais têm prevalecido, cada uma delas apontando para uma cidade grande, do mundo romano e mediterrâneo. Alguns acrescentam uma quarta opinião, que na realidade é uma modificação de uma das teorias principais.

1) Os judeus cristãos em Jerusalém e à volta dela, foram os destinatários da carta.

2) Ela foi enviada aos cristãos judeus que moravam em Alexandria. Esta opinião costuma ser defendida por aqueles que apóiam o argumento de um forte sabor alexandrino na carta aos hebreus.

3) Era destinada a uma congregação de cristãos judeus que se reuniam na cidade de Roma, os quais estavam enfrentando uma severa provação e perseguição. A teoria da "igreja em Roma" tende também a defender a teoria da "congregação única", onde os destinatários originais da carta seriam membros de uma "pequena congregação" ou uma "igreja reunida na casa de alguém" em Roma.

4) Uma modificação da terceira. A congregação destinatária de Hebreus era pequena, mas poderia estar em qualquer parte do Império Romano, e não necessariamente em Roma.

Argumentação irrefutável tem sido apresentada por todas as opiniões; todas elas estão cercadas de dificuldades significativas. As evidências internas da carta por si mesmas pouco contribuem para a resolução dos problemas entre as diversas teorias. Jerusalém foi mencionada por implicação (13:12) devido a um modo de escrever que seria compreendido de todos os hebreus. A referência à Itália (13:24) é geral e dá portanto pouca ajuda real na questão do destino.

Uma coisa está clara. Aqueles a quem a epístola foi escrita eram hebreus por identidade nacional e cristãos por profissão de fé. Como Downer sugeriu, os hebreus eram os destinatários, e o ponto de vista hebreu prevalece (Arthur Cleveland Downer, *The Principles of Interpretation of the Epistle of the Hebrews*, pág. 8). Esses cristãos hebreus tinham sofrido perdas, experimentaram muitas provações e dificuldades, sofreram opróbrios, perda de privilégios, perseguição, ridículo e ódio declarado dos outros judeus. Mas essas condições poderiam ter prevalecido em qualquer parte do mundo romano no primeiro século.

O fato é que todos os argumentos e teorias têm ingredientes de possibilidade e impossibilidade em medidas quase iguais. A discussão do problema do destino pode ser examinado detalhadamente em Farrar, CGT; A.B. Davidson, *The Epistle to the Hebrews*; Archer, *The Epistle to the Hebrews, A Study Manual*; William Manson, *The Epistle to the Hebrews, An Historical and Theological Reinterpretation*; e IB, XI. Quanto ao peso da opinião, a teoria de "Jerusalém" é a que tem sido melhor defendida por William Leonard, *Authorship of the Epistle to the Hebrews: Critical Problem and Use of the Old Testament*. As teorias de "Roma" e "congregação única" são melhor defendidas por William Manson (*op. cit.*), que sugere que os arquivos de correspondência de uma congregação romana foram os primeiros a guardarem esta carta de exortação e advertência. Mas mesmo esta declaração é uma conjectura.

Autoria – Por Quem Foi Escrita. Quem escreveu a Epístola aos Hebreus ainda continua sendo o grande e único problema do estudante deste livro. Os autores sugeridos são muitos, e as opiniões que favorecem um possível autor em detrimento de outro são muitas também. O apóstolo Paulo, Apolo, Barnabé, Lucas, Timóteo, Áqüila e Priscila, Silas, Ariston e Filipe, o Diácono, todos têm sido propostos como autores, com argumentação comprovante. O exame da tradição da igreja primitiva e dos pais da igreja, tanto do Oriente como do Ocidente, só têm comprovado que as opiniões variam.

A epístola por si não dá o nome do autor, nem mesmo veladamente. Duas opiniões principais têm predominado no estabelecimento da autoria. 1) Autoria paulina. O argumento que sustenta esta opinião também foi desenvolvido para incluir um possível escritor desconhecido que foi instruído e influenciado pelo apóstolo Paulo, dando assim a Hebreus um cunho distintamente paulino. 2) A tradição e influência alexandrinas, com base no uso do Velho Testamento, principalmente na questão tipológica. O raciocínio aqui traça a origem de certas analogias de Hebreus em analogias idênticas de Filo de Alexandria. Esta é uma opinião defendida por poucos atualmente. Conforme registrado em

SHERK, II, 877, a influência de Filo sobre o autor de Hebreus tem sido desprezada pela maioria dos mestres, enquanto que, ao mesmo tempo, sua influência sobre os Pais de Alexandria tem sido reconhecida geralmente.

O argumento da autoria paulina repousa fortemente sobre o último capítulo (13) da epístola. A qualidade pessoal deste capítulo é típica do apóstolo Paulo, como também o estilo epistolar. As referências a Timóteo e à Itália (13:23, 24) também são laços que parecem ligar diretamente ao apóstolo. Além disso, há uma semelhança marcada entre a linguagem deste livro e das cartas reconhecidamente paulinas (por exemplo, 1:4; 2:2; 7:18; 12:22); e a argumentação cristológica é igual a de Paulo em outros lugares. Grande parte dessa argumentação é dedutível, e as mesmas similaridades poderiam ser notadas em qualquer mestre cristão dos primórdios do Cristianismo. No apoio à autoria paulina talvez nenhuma outra obra ultrapasse o trabalho definido de William Leonard em seu *Authorship of the Epistle to the Hebrews: Critical Problem and Use of the Old Testament*.

Contra a autoria paulina apresentam-se estas considerações: 1) o livro não menciona o apóstolo Paulo especificamente, como as epístolas reconhecidamente paulinas; 2) o uso de linguagem que é superior às normas de construção, uso e estilo de Paulo; e 3) desenvolvimento lógico do argumento, que não é caracteristicamente paulino. O ritmo de Hebreus é retórico e helênico, e o estilo, de modo geral, é mais calmo e razoável do que o estilo do apóstolo costumeiramente.

Quanto às diferenças doutrinárias, evidenciam-se em 1) o tratamento da fé, 2) a visão escatológica do capítulo 12, 3) o uso aplicado do código mosaico, e 4) o conceito do santuário. Leonardo até destaca que o hábito de considerar as Escrituras do Velho Testamento como um "arsenal de tipos" (*op. cit.*, pág. 19), não é característico da literatura paulina.

Mas o que se sabe do autor? Ele era um homem de consideráveis conhecimentos das Escrituras, um teólogo bíblico que pensava em

termos da história da redenção, e uma pessoa familiarizada com o Velho Testamento grego (LXX). Embora judeu, estava inteiramente familiarizado com a cultura helênica, como também com as tradições judias. Era um pensador independente que poderia ter sido influenciado pelo apóstolo Paulo e pelos pensadores alexandrinos. Ele deu origem a uma forma literária única, inteiramente diferente das outras do Novo Testamento.

Devotou-se completamente à sua tarefa de explicar o relacionamento do Judaísmo com o Cristianismo, argumentando constantemente pela absoluta superioridade deste último. Talvez fosse um mestre-pregador, familiarizado com o relacionamento orador-ouvinte e portanto empenhado no estilo exortação-explicação-admoestação que usou com tanta eficácia. No uso que fez deste método ele exhibe mais do que um conhecimento passageiro das idéias do apóstolo Paulo.

Apesar de tudo isto, a verdadeira identidade do autor continua desconhecida. Concluindo, Orígenes (terceiro século), conforme citado por Eusébio (quarto século), talvez dificilmente poderia ser superado quanto a sua declaração sobre o problema:

O estilo da Epístola com o título "Aos Hebreus", não tem aquele popular estilo que pertence ao apóstolo, o qual admite que ele é comum no falar, isto é, em sua fraseologia. Mas que esta epístola é de um grego mais puro na composição das frases, qualquer um que for capaz de discernir a diferença de estilo terá de confessar. Repito, será óbvio que as idéias da epístola são admiráveis, e não são inferiores a qualquer dos livros reconhecidamente apostólicos. Qualquer um terá de admiti-lo, se ler com atenção as cartas do apóstolo.

Então Eusébio acrescenta, ou inclui:

Mas eu diria que os pensamentos são do apóstolo, mas a enunciação e fraseologia pertencem a alguém que registrou o que o apóstolo disse, como alguém que tivesse anotado despreocupadamente o que o mestre ditava. Se portanto, qualquer igreja considera esta epístola como escrita por Paulo, que seja elogiada por isso, pois não foi

sem motivo que aqueles homens da antiguidade a transmitiram. Mas quem realmente escreveu a epístola, só Deus sabe (Eusébio, *Ecclesiastical History*).

Tradição e Igreja Primitiva – Aceitação do que foi Escrito. A primeira menção da Epístola aos Hebreus fora do Novo Testamento aparece na **Epístola aos Coríntios** escrita por Clemente de Roma. Hebreus era conhecida de ambas as igrejas, a Oriental e a Ocidental, mas parece que era menos conhecida no Ocidente até o quarto século. Os Pais de Alexandria estavam ativamente interessados nos problemas dos hebreus, e tanto Clemente de Alexandria como Orígenes comentaram a epístola e a discutiram detalhadamente. O título "Aos Hebreus" apareceu no fim do século segundo, e passou a ser usado desde então.

Desde o início Hebreus tem sido aceita como fazendo parte do cânon. Nenhuma autoridade antiga, com exceção de Tertuliano, deixou de incluir esta epístola no cânon do Novo Testamento.

No fim do quarto século o Ocidente começou a se interessar mais nesta epístola, com Jerônimo em sua **Epístola 129** declarando explicitamente que ele aceitava inquestionavelmente a carta aos Hebreus como parte do cânon do Novo Testamento. Esta opinião foi consistentemente defendida pelos medievistas e pela escola humanista. Erasmo, o mestre humanista, e Lutero, o Reformador, ambos aceitaram Hebreus como parte do Novo Testamento, embora discordassem quanto à identidade do autor. Os mestres de após a Reforma não desafiaram a canonicidade de Hebreus com sucesso, mas ocuparam-se mais com a questão da autoria.

A Argumentação da Epístola – O Tema do Escritor. A tese do escritor de Hebreus parece estar contida em duas idéias principais, que são explicadas e ilustradas na lógica da argumentação. A primeira idéia está expressa na palavra "considerai", usada em 3:1 e 12:3. Em cada um dos exemplos a advertência é para se considerar a Cristo. Em 3:1, Ele deve ser considerado o "Apóstolo e Sumo Sacerdote de nossa confissão", e em 12:3 Ele deve ser considerado como Aquele que sofreu, como o

exemplo máximo da vida na fé. Com o termo "considerai" o escritor quer dizer refletir, estudar, examinar atentamente, pensar com cuidado. Observe que os crentes são lembrados a considerar o próprio Cristo, e não as simples razões lógicas por que Ele deveria ser considerado, conforme apresentadas na carta aos Hebreus.

Através do raciocínio da epístola, os leitores são levados a "considerá-Lo" no Seu sacerdócio e sacrifício. O contraste traçado através de toda a carta estabelece conclusivamente a superioridade de Cristo sobre os anjos, Moisés, Arão, Melquisedeque e o sistema levítico, e finalmente até mesmo sobre os maiores exemplos de vida de fé do registro do Velho Testamento (cons. Hb. 11). Como sacerdote de Deus e como o sacrifício aceitável diante dEle, Cristo fala agora de dentro do santuário, garantindo a cada crente uma entrada na presença do próprio Deus, e uma audiência imediata para orações e pedidos (4:14-16).

A segunda idéia se encontra na palavra **exortação** (*paraklesis*), com seu verbo companheiro, "eu exorto" (13:22). Este tem sido chamado de título informal da carta aos Hebreus. Farrar (CBSC) sugere que todas as informações dados na epístola são para o propósito de exortar os leitores. A perseguição, as provações e dificuldades seriam amenizadas se esses cristãos, que também eram judeus, "considerassem-no" (12:3) e suportassem "a palavra desta exortação" (13:22). O argumento que apóia este tema duplo está então desenvolvido pelo argumento "o Cristianismo é superior ao Judaísmo", para o qual a exortação está sendo dirigida.

Todo o propósito desta carta era informar cristãos desanimados e também encorajá-los, e para apoiar as duas vias de acesso através de inumeráveis exemplos, tanto de Cristo como daqueles que viveram com sucesso pela fé. No meio de tudo, o escritor colocou a eternidade (portanto a imutabilidade) do sacerdócio de Cristo "segundo a ordem de Melquisedeque" (cap. 7).

As Idéias e Conceitos do Autor: Fontes e Emprego. Forma e estilo distintos (veja seção seguinte desta Introdução) destacam a Carta aos Hebreus dentre as outras epístolas do Novo Testamento. O autor

emprega método, organização e técnica diferentes de qualquer outro escritor do Novo Testamento. Ele também expressa idéias e associações de pensamentos e acontecimentos que lhe são peculiares. Uma vez que a investida principal da epístola é prática, atingir coisas práticas, ele coloca todos os seus conceitos teológicos dentro desta estrutura especial de referência de exortação, advertência e conforto. Ele se concentra sobre aquelas idéias teológicas e conceitos que ele considera significativos. Seu raciocínio em prol dos seus leitores é que isto, é o que esta comunidade de crentes precisa acima de tudo o mais, para fortalecê-los na fé.

Ele ataca essas idéias como um orador deveria fazê-lo, edificando uma verdade sobre a outra para apoio da argumentação principal. Entremeadas encontram-se as advertências, que parecem particularmente destinadas a impressionar os ouvintes (leitores) com as conseqüências da falta de compreendo da verdade relativa a Cristo.

O autor demonstra considerável perícia literária. Evidentemente seus antecedentes lhe deram um senso de proporção na composição literária. Seu grego é talvez o melhor de todo o Novo Testamento, comparável ao de Lucas. Profundidade cultural e familiaridade também estão evidentes. O escritor parece perceber e refletir a influência do modo de vida grego (helenização) sobre o Judaísmo e sobre o mundo mediterrâneo.

Em idéias positivas emitidas, o escritor baseia sua discussão teológica sobre as Escrituras e a desenvolve colocando o tenebroso reino da terra contra o reino da realidade, ou o céu. A fonte do Velho Testamento ou das Escrituras que ele usou foi a versão grega ou LXX. Em alguns exemplos a palavra usada na LXX nem sequer aparece no texto hebraico como nós o temos. Para provar que o reino celestial é o reino da realidade, o autor aplica todas as passagens possíveis a Cristo. Todo o Velho Testamento, como o escritor de Hebreus o usa, é uma exposição contínua revelante da pessoa e obra do Senhor Jesus Cristo. O acesso ao reino celeste também está em Cristo.

O autor de Hebreus é o único escritor do Novo Testamento que discute alguns dos assuntos que apresenta. Nenhum outro escritor, por exemplo, discute o significado de Melquisedeque (7:1-14). Uma nova avaliação dos patriarcas também é fornecida pelo capítulo 11. Alguns aspectos da vida de Moisés são destacados em Hebreus, os quais não foram mencionados em nenhum outro lugar. A questão do arrependimento é encarada de maneira diferente (12:17), como também a questão do pecado deliberado (10:26). Muitos dos conceitos individuais do autor criaram problemas de interpretação para as gerações futuras.

A idéia mais altamente desenvolvida entre todas na Epístola aos Hebreus é a do sacerdócio de Cristo. Singular dentro da epístola, é o mais importante conceito a ser assimilado. Ao apresentar este conceito, três "fontes" são aparentes: 1) A instituição do Velho Testamento do sacerdócio e sacrifício, ou o sistema levítico; 2) o Judaísmo; e 3) o Cristianismo primitivo ou apostólico. Quaisquer outras influências que possam ter havido, estas três são predominantes.

Como sacerdote, Cristo foi divinamente vocacionado, e possui humanidade (2:14-18; 4:15, 16; 5:1-3). Ele supre as necessidades do povo (2:17, 18). Ele abriu o caminho à presença de Deus (10:19, 20), e tomou o "Santo dos Santos" e o "trono da graça" (4:14-16) acessíveis. Ele se tornou o sacrifício perfeito e definitivo (10:18). Por causa do ministério sacerdotal de Cristo, o crente tem força na fé e o privilégio da adoração. Talvez nenhum livro do Novo Testamento apresente melhor a comunhão com Deus através da adoração como o faz Hebreus.

A cristologia de Hebreus é rica, mas foi principalmente apresentada no ministério e função de Cristo como sacerdote. Primeiro Cristo é apresentado como o revelador de Deus (1:1) e o agente da criação (1:1-4). O significado da palavra *karakter*, **expressão exata**, em 1:3 não deve ser ignorado. Depois dessa declaração preliminar ou prólogo, a cristologia flui rapidamente para o argumento principal do ministério sacerdotal de Cristo.

Os ensinamentos éticos de Hebreus são do mais alto padrão e inteiramente cristãos, ainda que generalizados dentro do coar principal da argumentação. Só no capítulo 13 o ensino ético se torna específico e evidente. Amor fraternal (13:1), bondade para com os estrangeiros (13:2), bondade para com os menos afortunados (13:3), relacionamento conjugal honroso (13:4), uma atitude correta para com as riquezas materiais (13:5), respeito pelos superintendentes (13:7,17), a prática do bem (13:16), estão aí positivamente ordenados. Nisso o cristão não tem escolha. Grande parte das injunções éticas anteriores na epístola encontram-se na analogia sacerdotal, e por isso não são imediatamente aparentes como nos Sinóticos ou na literatura paulina.

Quanto ao valor prático, Hebreus repousa solidamente sobre a inquestionável premissa de que Cristo supre as necessidades de todos os homens a toda hora (incluindo a do homem moderno). Os homens vêm a Deus por meio de Cristo em todos os séculos. Neste conceito está expressa a unidade da história como linear e redentora, com Deus através de Cristo operando no destino do homem de acordo com o Seu plano e vontade. Hebreus não apresenta uma filosofia da história diferente daquela dos outros livros do Novo Testamento.

Forma e Estilo: A Organização e Métodos do Autor. Só o trecho compreendido entre 13:17 e 13:25 classifica Hebreus como epístola. Mas o gênero literário do livro constitui um problema. Começa como um tratado, continua como um sermão e termina como uma carta. O atual começo é o começo que o livro sempre teve. Não há nele saudações ou quaisquer referências pessoais. Dentro da forma literária, alguns hábitos são constantes. Usando o Velho Testamento, o escritor pode empregar uma referência literal, histórica ou tipologicamente. Sua consistência está somente em que o uso que faz do texto do Velho Testamento sustenta seu argumento principal no ponto em que é introduzido.

Já se tem sugerido que as exortações e advertências em Hebreus classificam o livro como sendo de natureza polêmica, com o final epistolar acrescentado a fim de concluir a polêmica. Se isto for verdade,

então o autor é espantosamente capaz em evitar qualquer referência pessoal na polêmica. Referências autobiográficas não existem, e as metáforas empregadas fortalecem a polêmica sem revelar uma única pista quanto ao polemista.

Já se expressou a opinião de que a forma literária básica de Hebreus segue o padrão alexandrino indicado por Filo (veja J. Herkless, ed., *Hebrews and the Epistles General of Peter, James and John*; também IB). O modo pelo qual o autor faz contraste entre os reinos celestiais e terreno, o "ilusório" e o real, ou o reino celestial e o verdadeiro, pensam alguns, que seja uma técnica "emprestada" de Filo de Alexandria. O IB chama isto de uma visão da realidade em "dupla argumentação" que controla todo o pensamento de Hebreus (XI, 583).

Outras opiniões expressas são as seguintes: 1) que a influência de Filo é insignificante, ou 2) que a teoria que tenha influenciado o escritor é uma premissa inteiramente falsa. Manson inclina-se a desprezar a influência de Filo (William Manson, *The Epistle to the Hebrews, An Historical and Theological Reinterpretation*). A.B. Davidson, referindo-se ao autor de Hebreus (op. cit.), fala de traços de influência da "cultura alexandrina ... na sua linguagem", mas não apresenta nenhum argumento favorecendo esta técnica filônica. Sob um certo aspecto, então, a origem da forma de Hebreus permanece uma questão em aberto. 3) Spicq, entretanto (*L'épître aux Hébreux*), percebe evidências consideráveis que ele considera indicativas de antecedentes filônicos.

O que está claro, entretanto, é que o escritor sistematicamente estabeleceu um conjunto básico de idéias, sobre as quais ele começa apresentar as passagens e argumentos do Velho Testamento.

Obter aceitação dessas idéias básicas não é o seu objetivo, mas antes levar os crentes a compreendê-las inteiramente e depois agir de acordo. William Leonard (op. cit., pág. 221) identifica sete dessas idéias: 1) a Filiação de Cristo; 2) o sacerdócio de Cristo, base da purificação do pecado; 3) o sacerdote à direita de Deus, base da esperança cristã; 4) a promessa feita a Abraão; 5) a permanência do prometido "repouso do

sábado"; 6) as conseqüências da apostasia; e 7) as exortações para que se viva virtuosamente à luz do futuro. O IB (loc. cit.) faz uma lista de treze dessas idéias básicas, que influem as sete acima, mas incluem adições tais como a promessa da volta de Cristo, a derrota de Satanás, a vitória sobre a morte, e o prometido livramento dos crentes da escravidão. Essas idéias do as constantes; e, tanto na forma como no estilo da apresentação, tudo se refere a uma ou mais delas.

No meio dessas idéias básicas está o conceito de Cristo como o sacerdote perfeito de Deus, estabelecendo a nova aliança tanto pela Sua obra sacerdotal quanto por Sua morte sacrificial. Não há dúvidas quanto à superior cristologia da Epístola de Hebreus. Mas apesar de tanta informação extraída do Velho Testamento para sustentar a Cristologia e outras idéias centrais à epístola, o enigma da forma epistolar do final de 13:17 em diante permanece. Quatro possíveis soluções para o enigma são apresentadas: 1) Que o autor escreveu para um grupo específico e desde o começo tinha tal final em mente; 2) Que a carta original foi enviada a uma segunda platéia, e que o novo final foi acrescentado para acomodar-se a este grupo; 3) Que uma pessoa, não o autor, acrescentou o final atual quando encaminhou-a para outro grupo; 4) Que o final foi acrescentado por outra pessoa para sustentar o conceito da origem paulina de toda a carta. Dessas teorias, a primeira e a quarta são as mais razoáveis e plausíveis.

Certos hábitos de estilo também são evidentes. O escritor transforma em prática introduzir citações do Velho Testamento dizendo "Deus disse" (veja 4:3; 5:5, 6; 8:10) e "como diz o Espírito" (3:7). Ele também introduz partes de sua argumentação algum tempo antes de proceder ao desenvolvimento completo da mesma. E assim cada argumento mais extenso da epístola tem a sua declaração preliminar. Em todos os pontos ele faz referência ao ritual da lei mais do que à lei moral ou à força social ou visual da Lei, como no caso dos dias de festa. Caracteristicamente ele emprega o nome "Jesus" e não o título completo usado pelo apóstolo Paulo. Mais ainda, ao apresentar "Jesus" como o

"novo e vivo caminho", o escritor não se afasta do pensamento nem deixa o argumento incompleto. Ele parece ter completo domínio de si mesmo, e das técnicas que ele emprega.

ESBOÇO

I. Prólogo. 1:1-4.

A. Cristo é superior aos profetas. 1:1, 2.

B. Cristo, "imagem" de Deus. 1:3, 4.

II. Os argumentos principais são apresentados e explicados. 1:5 – 10:18.

A. Cristo "maior que "; o argumento da superioridade. 1:5 – 7:28.

1. Superior aos anjos. 1:5-14.

2. A tão grande salvação, e uma advertência contra a negligência. 2:1-4.

3. Cristo como o homem perfeito. 2:5-18.

4. Cristo superior a Moisés. 3:1-6.

5. A superioridade do repouso de Cristo contra o repouso de Israel sob a liderança de Moisés e Josué. 3:7 – 4:13.

6. Cristo, como sumo sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque é superior a Arão. 4:14 – 5:10.

7. Repreendo por falta de entendimento e imaturidade. 5:11 – 6: 20.

8. O sacerdócio de Melquisedeque. 7:1-28.

B. Cristo, o ministro e sumo sacerdote da nova aliança. 8:1 – 10:18.

1. A nova aliança em relação à velha. 8:1-9.

2. Explicação da aliança que é melhor. 8:10-13.

3. O novo santuário e o sacrifício perfeito. 9:1-28.

4. A nova aliança completa, perfeita e operando. 10:1-18.

III. Os elementos da vida da fé. 10:19 – 13:17.

A. A descrição da vida da fé. 10:19-25.

- B. Uma descrição daqueles que desprezam este "caminho novo e vivo". 10:26-39.
 - C. Exemplos da vida da fé. 11:1-40.
 - D. Cristo, o supremo exemplo da vida da fé. 12:1-4.
 - E. O amor do Pai revelado pelo castigo. 12:5-11.
 - F. A conduta do cristão sob a nova aliança, 12:12-29.
 - G. A vida cristã na prática diária. 13:1-17.
- IV. Epílogo. 13:18-25.

COMENTÁRIO

Hebreus 1

I. Prólogo. 1:1-4.

O escritor contraria o padrão das cartas geralmente identificadas como cartas do N.T., não fazendo nenhuma saudação nem sentenças introdutórias (veja Introd.). Ele avança imediatamente para o assunto, que é a pessoa e obra do Senhor Jesus Cristo em relação ao sistema levítico e a velha aliança.

A. Cristo é Superior aos Profetas. 1:1,2.

A pergunta implícita que está sendo respondida é: Quem foi o último e o mais autorizado porta-voz de Deus?

1. Muitas vezes (*polymeros*), ou passo a passo, fragmentariamente, **e de muitas maneiras** (*polytropos*), de muitos e variados modos, Deus (Jeová) falou no tempo do V.T, através dos **profetas**, muitos dos quais contaram em seus escritos por meio de qual método ele se comunicou com eles, *Prophetais* é uma palavra de significado amplo que inclui todos aqueles que Deus usou nos dias do V.T.

2. Nestes últimos dias. *No fim destes dias* é a tradução literal de uma expressão hebraica comum encontrada em Nm. 24:14, possuindo

tonalidades messiânicas. Deus falou conosco através de Um que tem com Ele o relacionamento de um filho e completa autoridade como porta-voz. Neste relacionamento, Cristo é especial e assim está descrito aqui no sentido clássico, sob compromisso divino porque é um **Filho**. Ele é ambos, **herdeiro** e **agente** da criação. O universo. O grego *aiones*, "eternidade", incluindo o mundo espacial. (cons. 11:3).

B. Cristo, "Imagem" de Deus. 1:3, 4.

3. Resplendor da glória ou *esplendor*. O resplendor que o mundo recebe do próprio caráter de Deus em Jesus Cristo. Ele é o ser essencial de Deus. Do mesmo modo **expressão exata** foi usado tal como em Mt. 22:20, onde se refere à imagem que havia sobre o dinheiro romano. Cristo é a *estampa* ou a impressão de Deus (*karakter*); a essência de Deus. Toda a força das duas primeiras cláusulas deste versículo destaca este único conceito.

Ele é também *criador*, tanto a "Palavra criadora" (CGT, pág. 31) quanto o Sustentador – Aquele que está **sustentando todas as coisas**. Criação e preservação são realizadas por Deus em Jesus Cristo, e **pela palavra do seu poder**. A palavra do Filho é o poder de preservar e sustentar, mas este poder criativo canaliza-se para um ministério maior de redenção. Ao fazer a **purificação dos pecados**, Cristo purificou a grande massa dos pecados acumulados do mundo e todas suas impurezas, as quais Deus vê. Em Cristo a penalidade do pecado foi completamente removida e a purificação foi fornecida. A idéia se encontra nas palavras do hino de Cowper:

Achei a fonte Carmesim,
Que meu Jesus abriu;
Na cruz morrendo ali por mim,
Minha alma redimiu.

Tendo este poder e autoridade como Criador e como Aquele que assume o pecado, Cristo ocupa o lugar de autoridade à direita de Deus. Na qualidade de ambos, sumo sacerdote e substituto, Ele pode apresentar

uma redenção consumada. Sua obra está completa, e Ele pode, portanto, assentar-se. Como Filho do homem Ele ocupa este lugar por ato de Deus Pai. Esse não é um lugar de repouso, mas de atividade para o divino mediador, sumo sacerdote e intercessor. Em cumprimento do Sl. 110:1, Ele é o Senhor de todos.

4. O primeiro contraste que exhibe a superioridade de Cristo foi assim introduzido. A idéia de contraste no pensamento de **tão superior** (*kreiton*, "superior", "tornando-se superior") foi usada treze vezes. Os anjos eram importantes na transmissão da mensagem divina aos homens. Desde a doação da Lei no Sinai até a assistência angélica concedida a Daniel e os últimos profetas, estes mensageiros de Deus serviram a Deus, mas como seus subordinados. Cristo é superior aos anjos em Sua pessoa, nome, função, poder e dignidade. Quanto ao Seu nome, só Ele pode salvar os perdidos (Atos 4:12), e é o nome acima de todo nome (Fp. 2:10). Através do Seu nome, Sua reputação ficou estabelecida, pois é um nome poderoso.

II. Os Argumentos Principais São Apresentados e Explicados. 1:5 - 10:18.

A. Cristo "Maior que"; O Argumento da Superioridade. 1:5 - 7:28.

O pensamento introduzido em 1:4 estende-se agora através de uma sede de sete citações do V.T. Destas, cinco provam a superioridade de Cristo.

1) Superior aos Anjos. 1:5-14.

5. O pensamento apresentado é um argumento que provém do silêncio e o *ele* (oculto) é Deus. Nunca Deus chamou algum anjo de Seu filho, mas somente a Cristo e com referência a Cristo, que Ele disse aquilo (veja Sl. 2:7; II Sm. 7:14). Em ambas as passagens o significado imediato recebeu um significado nobre e mais elevado, que transmite a estas passagens (e outras a seguir) um sentido tipológico. No Sl. 2:7 a

celebração de um aniversário de nascimento (Hb. 1:5 e segs.) é aplicada a Cristo. E as palavras pronunciadas por Salomão em II Sm. 7:14 são aplicadas a Jesus, o Filho, como sendo ainda mais verdadeiras quando se Lhe referem. Neste sentido a tipologia é correta; pois Cristo é o antítipo, um fato que é verdadeiro através de Hebreus, na interpretação tipológica do escritor.

6. Ambas as passagens, Dt. 32:43 (LXX) e Sl. 97:7 falam de anjos adorando Cristo, o Filho. E o salmista também fala de uma demonstração de glória (97:6), que corresponde ao resplendor de Hb. 1:3. **7.** Dois conceitos são apresentados: 1) que os anjos são seres inferiores ou seres criados – **Aquele que . . . faz**; e 2) que os anjos são servos, tal como os **ventos** e o **fogo**. A idéia está assim re-enfatizada que os anjos adoram o Filho porque Lhe são subordinados. Salmo 104:4 está assim apresentado como prova da subordinação angélica.

8,9. Cristo é chamado de Deus e rei, ou soberano. Conforme prometido no pacto davídico, aqui está o grande Filho de Davi reinando, e o Seu governo é eterno. As qualidades de Sua realeza são justiça, equidade e ódio à iniquidade – qualidades que só podem caracterizar, uru reino justo. Nesta posição Cristo está em posição superior a todos, e particularmente aos anjos. Para esta posição exaltada e honrada Cristo foi mais ungido do que comissionado, e esta unção é a unção do *Christus Victor* – o vitorioso que reina eternamente.

10-12. Do Sl. 102:25-27. Fala de Cristo Filho, que na qualidade de Criador fez o mundo e que é Aquele que não muda no meio das coisas que vão mudar. Isto também retrata um agudo contraste entre Cristo e os anjos. Eles são matéria criada, e servem no mundo como mensageiros de Deus. Cristo é eterno, acima do mundo, sendo antes dele e depois dele. Este argumento foi extraído de um salmo da tradução da LXX não considerado messiânico pelos intérpretes rabínicos. Usado desta maneira pelo autor, ilustra melhor a superioridade de Cristo. **E os teus anos jamais terão fim.** Não terão fim nem serão interrompidos.

13. Em contraste com os anjos, que jamais receberam permissão de se assentarem à direita de Deus, Cristo está assentado lá agora e governa como rei, o Deus-homem, o Messias imutável e eterno. Vai ficar assim assentado até o Seu triunfo final, quando Seus inimigos serão transformados em **estrado dos seus pés**. Este conceito retrocede a Josué, que colocou o seu pé sobre o pescoço dos reis subjugados como sinal final de vitória. Assim a passagem transmite a esperança a todos os crentes de todos os tempos de que Cristo triunfará sobre a injustiça.

14. Os anjos servem, conforme está indicado pelo **todos** de sentido amplo; mas seu serviço é sagrado ou "litúrgico" (*leitourgika*), e fazem um serviço aos homens (*diakonian*). Os anjos são portanto **espíritos ministradores** que servem àqueles que **hão de herdar a salvação**, ou as pessoas piedosas. Este ministério dos anjos, está implícito que ainda continua. A palavra salvação (*soterian*) está reservada pelo autor para um desenvolvimento posterior.

Hebreus 2

2) A Tão Grande Salvação e Uma Advertência Contra a Negligência. 2:1-4.

A premissa já foi declarada em referência à salvação (1:14). Esta salvação é por Cristo, o Filho exaltado e ungido. Por isso torna-se infinitamente mais importante dar atenção à revelação de Deus **às verdades ouvidas** (*akousthesin*) ou o Evangelho. É uma solene advertência, maior do que a de Dt. 4:9.

1. Por esta razão relaciona-se com o Filho e também com a salvação que Ele concede. **Às verdades ouvidas**. O Evangelho, que fornece um ponto fixo ao qual os crentes podem recorrer. Só aqui existe um lugar seguro. Nada deve ter a permissão de fazer que **nos desviemos** (*pararyomen*) desse ponto fixo de segurança. Nenhuma calamidade, influência, força ou circunstância deveria ser tolerada se enfraquece a nossa esperança de salvação. Um barco sem piloto lançado no meio de um rio desvia-se do seu ponto de atracamento sendo levado para a

margem oposta pela correnteza que opera. Assim as correntezas da vida operam contra nós se não nos apegar (mos). Esta é uma advertência dirigida especificamente àqueles por causa de quem a epístola foi escrita, significando que a advertência foi necessária.

2. Se, pois, se . . . Argumentação no estilo rabínico, do menor para o maior; da concessão da Lei por intermédio dos anjos para uma concessão maior do Evangelho por intermédio de Cristo. A Lei foi vindicada por intermédio de severos juízos (Lv. 10:1-7; Nm. 16; Js. 7). Tinha as suas penalidades que eram fielmente cumpridas.

3. Se a mensagem da Lei foi tão zelosamente guardada, quanto mais estritamente deveria a mensagem do Evangelho ser guardada. Foi pronunciada pelo Senhor Jesus Cristo e foi confirmada por aqueles que O ouviram, os quais serviram de testemunhas de primeira mão. E assim esta mensagem do Evangelho **se tornou firme**. Sendo este o caso, **como escaparemos nós** se negligenciarmos esta salvação? A fuga é impossível porque a mensagem é de excelência transcendente e importância eterna. Uma mensagem maior implica em juízo maior.

4. O próprio Deus alia-se ao testemunho por meio de **sinais** (semeia), **prodígios** (*terata*) e **milagres** (poderes, *dynameis*). Estas são as evidências confirmantes que de modo nenhum não devem ser desconsideradas na avaliação do Evangelho. Estas evidências foram ainda mais ampliadas pela concessão de **distribuições** aos crentes por intermédio do Espírito Santo. Tais sinais, maravilhas, poderes e dons foram fielmente registrados nos quatro Evangelhos e no registro de Atos. Os dons são mencionados em Rm. 12; 13; I Co. 7:7; I Co. 12. Nem a mais ínfima parte do testemunho corroborante foi constituída pela união dos crentes de todas as bagagens raciais e nacionais. A implicação está transparente. Deus estava em Cristo e no Evangelho, e portanto esta mensagem de salvação devia ser levada a sério. Deixar de lhe dar atenção era incorrer na ameaça de juízo. O mesmo acontece hoje.

3) Cristo como o Homem Perfeito. 2:5-18.

Tendo proferido a advertência, o escritor volta ao seu argumento teológico. O assunto é a humanidade e humilhação de Cristo, centralizadas na frase "Fizeste-o por um pouco, menor que anjos" (v. 7).

5. O mundo que há de vir (*oikoumenen ten mellousan*). A terra habitada do futuro; o mundo futuro para a geração que recebeu esta epístola e também futuro para nós. Este mundo não será sujeito aos anjos, mas a Cristo em sua totalidade e também aos redimidos. Prevalecerá uma condição inteiramente nova quando Cristo, com os santos, governará em uma harmonia até agora desconhecida.

6-9. Uma citação do Sl. 8: 5-7 introduzida pela frase indefinida **alguém. . . em certo lugar**. Esta citação é a prova da declaração referente ao "mundo futuro". A citação estabelece a humanidade do Filho, que foi *feito por um pouco, menor do que os anjos para que provasse a morte por todo homem*. Agora Ele está sendo exaltado e coroado com glória e com honra porque em Sua humanidade Ele sofreu a humilhação da morte (Fp. 2:5-8). Agora está sendo exaltado porque sofreu. Está sendo agora coroado com glória porque temporariamente se sujeitou às limitações da humanidade.

10. Isto significava sofrimento e Ele sofreu. Através deste sofrimento Sua experiência humana se tomou completa. Ele *provou* o todo da vida humana, do nascimento à morte. Assim Cristo foi aperfeiçoado através do sofrimento e portanto Ele pode identificar-se com as necessidades de todos os homens. Tendo sofrido, Ele agora está inteiramente qualificado para servir como **Autor** (*archegos*, "líder", 12:2) da salvação do homem.

11. Na qualidade de Filho de Deus enviado pelo Pai para a humanidade, Cristo não hesitou em identificar-se com os Seus. Nós somos Seus irmãos. Jesus Cristo, que santifica, e os crentes, que são santificados, são um só.

12,13. Uma ilustração mais perfeita da unidade do Salvador e os salvos. Isto está apresentado em passagens pertinentes do V.T., tais como

Sl. 22:22; Is. 8:17, 18. Elas "provam" que o Senhor Jesus Cristo e os cristãos são irmãos. **Ele não se envergonha de files chamar irmãos** (v. 11). Ambas as passagens citadas em Isaías são tipologicamente aplicadas.

14, 15. A derrota de Satanás e da morte testifica que a obra expiatória de Cristo foi eficaz. Mas não houve só derrota; também houve libertação. Embora o medo possa escravizar, e o medo de morrer há muito que persegue a humanidade, Cristo resolveu o problema com a Sua própria morte e ressurreição. Ele morreu como homem. Ele **participou** da carne e do sangue e assim morreu, mas pela Sua morte veio o livramento. Portanto, o poder de Satanás foi tornado inoperante (*katargeo*), e Cristo fez uma expiação pelo pecado inteiramente satisfatória diante de Deus (Is. 53:11). Que grande vitória é a dEle! E que grande vitória todos os crentes têm nEle! Satanás e a morte estão derrotados e o temor da morte desapareceu! O homem que é livre em Cristo é na realidade o mais livre de todos os homens.

16-18. Aqui está a primeira menção do assunto que ocupa o lugar central no argumento da epístola – o ministério de Cristo como sumo sacerdote. Nesse ofício a humanidade de Jesus está novamente à vista, mas aqui só se deu uma pista quanto ao significado completo de Cristo como sumo sacerdote. Por enquanto Ele ministra e socorre os homens tomando-os pela mão. Isto Ele pode fazer como o Irmão mais velho e como o capitão de sua salvação. Duas palavras indicam a qualidade auxiliadora da função do sumo sacerdócio. São **misericordioso** (*eleemon*) e **fiel** (*pistos*). Para com os homens Cristo é misericordioso e para com Deus Ele é fiel. Na verdade, a misericórdia e a verdade encontraram-se nEle. Sua fidelidade percebe-se em Sua firmeza na tentação, a qual foi parte do Seu sofrimento. Agora Ele é capaz de vir ajudar todos os que são tentados porque Ele passou pelos mesmos testes e emergiu vitorioso, e como Homem Ele conhece nossas necessidades. **Propiciação** pelos nossos **pecados**. Veja I Jo. 2:2; 4:10; Rm. 3:25; e CGT, pág. 55.

Hebreus 3

4) Cristo é Superior a Moisés. 3:1-6.

Uma comparação de duas demonstrações de fidelidade está sendo agora introduzida, e pela primeira vez os leitores são diretamente aparteados na frase **santos irmãos**. Os paralelos na estrutura entre os capítulos 1,2 e capítulos 3, 4 são evidentes (CGT, pág. 56).

1,2. A chave para a compreensão de Hebreus pode estar na idéia do **considerai atentamente**. . . **Jesus**. De *katanoesate*, "observar atentamente, fixar os pensamentos, prestar atenção". Este mesmo pensamento aparece novamente em 12:3. Em 3:1, 2 a ênfase está sobre Cristo sendo fiel; em 12:3 é sobre Ele ter suportado. Aqui os **irmãos** são encorajados a olhar para Jesus como **Apóstolo** ("mensageiro"; só aqui este título foi usado referindo-se a Cristo no N.T.) e **Sumo Sacerdote**, uma função que é mais e mais detalhadamente explicada aos leitores. **Confissão** (*homologias*) se relaciona com os crentes confessando que Cristo é o seu sumo sacerdote.

3-5. A metáfora da **casa** é simples. Que diferença? Cristo edificou a casa; Moisés serviu na **casa**. Como em Jo. 1:17, a justaposição de Moisés e Cristo foi apresentada claramente. Do mesmo modo a justaposição da velha aliança e da nova aliança foi insinuada. A ênfase está, entretanto, sobre a fidelidade. Incomparável em posição, Cristo é fiel como **Filho, sobre a sua casa** (v. 6).

6. A qual **casa somos nós** refere-se aos crentes, o grupo dos redimidos de Deus, cuja fé é uma fé contínua. Sua fé está manifesta na alegre **ousadia** (*parresian*, "discurso livre, franqueza"; e assim ousadia franca ou alegre) que se transforma em uma **exultação da esperança** no Filho. Cristo é o objetivo como também o alicerce de sua confiança e sua esperança.

Até ao fim (*mechri telous*). Até que a esperança se transforme na realidade.

5) A Superioridade do Descanso de Cristo contra o Descanso de Israel sob a Liderança de Moisés e Josué. 3:7 – 4:13.

O princípio do descanso é a fé. Foi verdade para os israelitas quando entraram em Canaã, e é verdade para os crentes hoje em dia. O *descanso da fé* tem ambos, um significado presente e um significado futuro. Salmo 95:7-11 foi usado para mostrar como ambas, advertência e promessa, foram relacionadas com o descanso de Israel em Canaã. A entrada na terra prometida estava condicionada à obediência.

7-11. A geração do deserto sofreu as conseqüências da advertência feita por Deus. Não foi por acidente que pereceu no deserto (veja Nm. 14 e 21). Conforme este salmo indica, os filhos de Israel desafiaram a autoridade soberana de Deus através de sua rebeldia no deserto (Nm. 20). A lição é óbvia. A verdadeira obediência do coração vai além da mera recepção de instruções. Uma geração de israelitas pereceu porque rebelou-se e desobedeceu premeditadamente, e isto apesar da ampla revelação no Monte Sinai.

12. Aqui a verdade do Sl. 95:7-11 recebe uma aplicação atual (para os leitores originais) e pertinente. Negligência e desobediência premeditadas, **perverso coração de incredulidade**, podem levar uma pessoa a tropeçar e apostatar de Deus. Esta advertência foi feita, individual e pessoalmente, para encorajar um auto-exame. Sugere-se um contraste entre a fidelidade de Cristo é a infidelidade dos apóstatas. A apostasia é um afastamento do **Deus vivo** (*theou zontos*), o qual executa seus juízos; portanto a advertência é ainda mais evidente.

13-19. Para se fugir de ambos, a apostasia e conseqüente julgamento, torna-se necessária a exortação diária. Os crentes devem advertir e admoestar uns aos outros na esperança e confiança em Cristo. A advertência posterior contra o abandono da congregação aproxima-se do mesmo assunto (10:25). Tal congregamento inclui a oportunidade para a exortação. Fortalecimento mútuo vem por meio de tal exortação, a qual é uma eficaz contramedida para os corações endurecidos e para o pecado. Esta é uma responsabilidade específica que os crentes devem

exercitar até a vinda de Cristo. Exortando uns aos outros e encorajando a fé e a obediência, os cristãos demonstram serem **participantes de Cristo** nas bênçãos do descanso prometido. O teste para um coração cheio de fé é guardar firme até ao fim a confiança. A geração do deserto não entrou no descanso de Canaã (v. 19) **por causa da incredulidade** (*di'apistian*). Poderia a advertência ser mais explícita?

Observe que os filhos de Israel que pereceram no deserto deixaram apenas dois porta-vozes, apenas dois representantes de sua geração incrédula e portanto silenciosa – Calebe e Josué. E foi a fé destes dois que os protegeu e fala aos nossos corações até o dia de hoje.

A geração que pereceu fracassou em dois setores – 1) dureza de coração, e 2) incredulidade. Isto a levou ao erro e finalmente ao juízo. Sua incredulidade era manifesta em atitudes que continuam comuns. Eles murmuraram e se queixaram; eles estabeleceram planos alterados e buscaram outra liderança; rebelaram-se declaradamente contra Deus; expressaram insatisfação com a provisão divina; e, finalmente, aceitaram de má vontade o seu lugar nos planos de Deus. O registro detalhado em Nm. 14-21 e o comentário no Salmo 95 serviram bem para o escritor de Hebreus em suas repetidas advertências contra a dureza e incredulidade que foram evidentes na geração que pereceu (3:12, 13, 18, 19; 4: 6, 7, 11).

Hebreus 4

4:1-10. Não há nenhuma brecha entre os capítulos 3 e 4. O exemplo da experiência do deserto aplica-se imediatamente às vidas dos crentes. A atitude do coração dos leitores passa a ser discutida em relação ao "descanso da fé", uma frase geralmente usada em relação a esta passagem das Escrituras. Duas opiniões básicas prevalecem quanto ao prometido **descanso**. A primeira coloca o descanso no futuro como sendo o descanso celestial, ou entrada no Reino de Deus (veja Gleason L. Archer, Jr., *The Epistle to the Hebrews: A Study Manual*, pág. 28, 29; Charles R. Erdman, *The Epistle to the Hebrews*, pág. 49, 50). A segunda opinião coloca mais ênfase sobre o descanso presente do que sobre o

prometido descanso do futuro, embora este último não seja desprezado. Este "descanso da fé" é chamado de "plena submissão", a qual é considerada como uma experiência singular (Erdman, *Ibid.*). Esta segunda posição enfatiza a presente realidade do "descanso da fé" como um cessar das nossas obras, o que coloca o crente em um relacionamento mais íntimo com Cristo.

1,2. O prometido **descanso** continua à disposição. A promessa de Deus não foi esgotada pela geração do deserto. Só o fracasso em permanecer firme na fé limita a entrada neste descanso. Esta é a aplicação direta das advertências contra a incredulidade nas declarações anteriores. **A nós foram anunciadas as boas-novas** parece uma declaração difícil por causa das traduções variantes, mas não é difícil de entender. A fé do crente exercitada em relação à promessa de Deus garante o descanso. (Para uma discussão das traduções variantes de *sugkekerasmenous te pistei tois akousasin*, veja Alf e AxpGT sobre Hb. 4. 2b).

3,4. Downer sugere um repouso duplo (*Principles of Interpretation*). Aqui o escritor discute o descanso espiritual para os crentes perseguidos e atormentados aos quais a carta foi dirigida. Esta é uma experiência pessoal presente – **Nós, porém, que cremos, entramos no descanso** (*eiserchometha*, "entramos no"). Esta é a palavra de encorajamento aos cristãos perturbados. A segunda, ou o descanso sabático, introduz-se então com a cláusula, **E descansou Deus no sétimo dia, de todas as obras que fizera**. Este é o *sabbatismos* do versículo 9, o **descanso sabático**.

5-10. Deus providenciou um **descanso**, e este descanso deve ser ocupado ou possuído. A incredulidade bloqueia a entrada no descanso de Deus enquanto a fé abre largamente a porta; e assim este descanso só está à disposição de verdadeiros cristãos. Josué não deu este descanso apenas a sua geração; portanto o descanso prometido continua à disposição. **Portanto resta um repouso para o povo de Deus** destinado

para os crentes de hoje. É um repouso presente e também futuro que não depende de "obras", mas da fé dos crentes.

11. Aqui está a "palavra de exortação" referente à entrada no repouso de Deus (veja 13:22) mediante a busca (lit. "procurar diligentemente").

12,13. A oferta do **descanso** foi reforçada pela referência à palavra de Deus, isto é, referência a Cristo como a Palavra viva e à revelação, ou a palavra escrita. Cinco afirmações foram feitas em relação à **palavra de Deus** (*logos tou theou*): (1) ela é **viva**; (2) ela é a palavra do poder, ou da energia criadora; (3) ela penetra, fazendo separação até entre os relacionamentos mais íntimos; (4) ela é o juiz dos pensamentos mais íntimos; e (5) ela é o agente pelo qual Deus trata diretamente com a criatura. Desse modo a palavra de Deus revela o homem todo, particularmente em relação às atitudes do coração, e sua fé, essa fé que o capacitará a *entrar* no **repouso**. A palavra de Deus examina, julga e adverte o cristão a que viva santamente e creia.

6) Cristo é o Sumo Sacerdote Segundo a Ordem de Melquisedeque, Superior a Arão. 4:14 - 5:10.

Agora, o tema que já foi sugerido em 2:17 e 3:1 torna a ser introduzido para uma discussão mais extensa. Aqui se faz a declaração preliminar referente a Cristo no seu santuário. O que vem a seguir será um contraste constante entre o santuário terrestre ou tabernáculo e o "verdadeiro" santuário celeste, e entre o sacerdócio araônico ou levítico e o sacerdócio eterno de Cristo "segundo a ordem de Melquisedeque". A esta altura explica-se o lugar e o ministério de Cristo.

14-16. Ele está no santuário como nosso sumo sacerdote. Sua morte (inclusive o derramamento de sangue) e ressurreição garantiram-Lhe o direito desta posição. Ele **penetrou os céus** na presença de Deus. Ele está lá não apenas como o Filho de Deus, mas também como o Filho do homem. Em Sua humanidade perfeita Ele está familiarizado com as nossas necessidades, cuidados, tentações e problemas, porque ele foi tentado sem sucumbir à tentação. Ele sabe tudo sobre o pecado sem ter

cometido pecado. Seu conhecimento final com o pecado veio quando Ele assumiu o nosso pecado no Calvário.

Agora, estando na presença de Deus, podemos nos aproximar de Deus com ousadia. O **trono da graça**, foi transformado de tribunal, em trono de misericórdia, porque o sangue de Jesus foi nele "aspergido". O simbolismo foi extraído da arca da aliança no Tabernáculo e do Dia da Expição (Lv. 16). Este simbolismo e a substituição da prática do V.T, passam a ser explicadas ponto por ponto na subsequente argumentação do escritor. Por um instante, o autor destaca a verdade do auxílio para o fraco, misericórdia para o desgraçado, e força (**graça**) **a fim de sermos ajudados** (E.R.C.), porque Cristo, nosso sumo sacerdote, que se encontra junto ao trono de Deus, supre todas as nossas necessidades. Esta ajuda contínua está à disposição imediata de cada cristão, sem formalidades, exceto "invocar o nome do Senhor". Talvez poucas passagens no N.T, sejam tão ricas como esta promessa de ajuda e conforto para os cristãos. Se devidamente compreendida, esta é uma das verdades mais sublimes na Escritura em relação a Cristo e aos crentes. Note-se aqui que tudo que se relaciona com Cristo como sumo sacerdote está mais detalhadamente explicado das passagens seguintes, até Hb. 10:18; a esta altura conclui-se a comparação com Moisés.

Hebreus 5

5:1-10. A seguir apresentam-se as qualificações para o ofício de sumo sacerdote. Arão serve de modelo, uma vez que ele foi o primeiro a servir no ofício de sumo sacerdote.

1, 2. Tomando dentre os homens para representar o homem diante de Deus. A humanidade do sumo sacerdote é básica e essencial. Ele também é **constituído**, ou *separado*, para ministrar diante de Deus e para os homens. Sendo homem, ele pode compreender a fraqueza humana e ministrar ao transviado e ignorante. O sumo sacerdote deve lidar com os pecadores como também representar os pecadores. Ele deve também oferecer sacrifício pelos seus próprios pecados como também pelos do

povo. O quadro é de alguém totalmente envolvido como homem nas necessidades do homem.

3. As necessidades pessoais, entretanto, do sumo sacerdote constituído não foram esquecidas. Ao oferecer sacrifício pelo povo, ele também oferecia por si mesmo, apresentando suas próprias necessidades a Deus através do sangue do sacrifício.

4. Arão, o primeiro sumo sacerdote, foi chamado por Deus para este ofício. Ele não o procurou nem o mereceu. Foi constituído por Deus. O destino daqueles que procuraram servir neste ofício fora da constituição divina foi devidamente ilustrado por Coré (Nm. 16:40).

5,6. Assim Cristo foi constituído sumo sacerdote. O escritor cita o Sl. 2:7 com este sentido, "Hoje eu te constituí para o ofício de sacerdote". Ele era plenamente qualificado a exercer o ofício e não o buscou para Si. Ele foi constituído a esta posição de glória (*edoxasen*) por Deus Pai.

7-10. A experiência humana de Cristo é a que está descrita aqui. Foi uma experiência de aprendizado e imitações. Esta humilhação (Fp. 2:7) foi a Sua hora de aprender a obedecer dentro da esfera do homem. Com isto Ele tornou-se completo. Foi a Sua hora de estar na carne. A referência específica em Hb. 5:7,8 é às horas de agonia no Getsêmani. A passagem descreve angústia nas palavras **forte clamor e lágrimas, orações e súplicas**. O inimigo que Ele enfrentava era a morte - tanto a física como a espiritual, porque Ele foi o substituto que assumiu toda a ira de Deus reservada para os pecadores. Seu pedido de livramento foi plenamente garantido na ressurreição, com Sua proclamação de vitória sobre a morte. Por meio desta experiência Cristo aprendeu a obedecer, o que de outro modo não aprenderia. Literalmente, *Ele aprendeu das coisas que sofreu* (v. 8), que é um jogo de palavras extraído do provérbio grego *emathen – epathen*.

Agora perfeitamente qualificado como sumo sacerdote, Cristo fornece **a salvação eterna** (*soterias aioniou*, v. 9), cujo aspecto eterno relaciona-se com o sacerdócio de Melquisedeque. Contrastando com

Arão, Melquisedeque é um sacerdote de Deus para sempre, assunto inteiramente desenvolvido no capítulo 7.

7) Uma Repreensão pela Falta de Entendimento e pela Imaturidade. 5:11 – 6:20.

Antes de desenvolver sua argumentação extraída do sacerdócio de Melquisedeque, o escritor torna a fazer uma pausa para introduzir uma exortação e advertência, incluindo a repreensão.

11-14. Esta é uma repreensão forte. O escritor declara explicitamente que seus leitores não têm condições de receber o ensinamento que ele se sente obrigado a dar. Ele os chama de imaturos, retrógradas, indoutos e **tardios em ouvir**. Por causa desta condição, a tipologia relativa a Melquisedeque poderia ficar além da sua compreensão.

Jonathan Edwards pregou certa vez um sermão sobre Hb. 5:12 intitulado: "A Importância e Vantagem de um Conhecimento Completo da Verdade Divina". Ele observou que a repreensão na passagem parece incluir todos os leitores da epístola, que aqueles crentes não tinham feito nenhum progresso doutrinário ou experimental, que eles não compreendiam Melquisedeque, e mais ainda, que não sabiam o que deveriam saber (*The Works of President Edwards*, IV, 1-15).

A conclusão do escritor de que estavam desqualificados para ensinarem aos outros é auto-evidente. Prosseguindo, eles na verdade só tinham qualificações para receber a elementar verdade ou **leite**. Como meninos (*nepios*, "lactentes"), não podiam receber alimento mais forte; além disso, não só careciam do conhecimento da verdade, mas também da experiência da verdade. Mas aqueles que são **perfeitos** (E.R.C.) ou **adultos** (E.R.A.) (*teloí*, "maturós") eram como atletas *exercitados* (*gegymnasména*), prontos para a competição porque estavam espiritualmente disciplinados. Aqueles que assim foram treinados eram espiritualmente sensíveis e capazes de discernir entre a verdade e o erro

quando instruídos. (Através de toda a passagem as figuras de linguagem se misturam; veja Alf, IV, 103.)

Hebreus 6

6:1-3. A exortação prossegue. Tendo já aprendido os princípios básicos referentes a Cristo, não deviam parar com eles mas prosseguir para alcançar a *perfeição* e *maturidade*, para exibir crescimento espiritual completo. Deviam continuar discernindo entre verdades vivas e formas sem vida, como aquelas que haviam nas abluções, batismos e rituais do Judaísmo. No versículo 3 o escritor se identifica com os seus leitores e revela sua própria dependência de Deus.

4-8. Alguns alcançaram a maturidade; outros **caíram**. Estes estão sendo mencionados agora para reforçar a advertência feita há pouco – prosseguir para a maturidade. Esta passagem deveria ser propriamente interpretada não segundo um sistema teológico, mas dentro do seu próprio contexto. O assunto são os princípios rudimentares aprendidos. Agora o escritor fala daqueles que, tendo recebido tal instrução de princípios preliminares, afastaram-se de Cristo. São agora inimigos de Cristo e da Salvação que está nEle.

Era propósito do escritor descrever o perigo extremo para que os tentados à apostasia pudessem ter o mais forte exemplo possível. As questões eram simples: Cristo ou não, fé salvadora ou incredulidade, sofrer Seu opróbrio ou juntar-se aos Seus traidores e assassinos. As palavras usadas são termos fortes. *Hapax photisthentas* significa de uma vez para sempre iluminados. **Provaram** foi traduzido para conheceram nos léxicos mais recentes. Participantes, do grego *metochous*, significa **participantes reais** (Alf. IV, 109). Todos estes termos indicam uma grande porção de conhecimento e participação da parte daqueles que foram iluminados. Até os milagres eram familiares àqueles que agora se mostravam hostis a Cristo.

Um ponto de vista um tanto diferente é possível no que se refere à passagem. Pode ser traduzido assim: se recaíram. Neste caso o escritor

não está pensando de exemplos específicos de apostasia, pelo menos não entre os leitores (v. 9), mas está advertindo que a recusa em progredir na vida cristã leva logicamente ao retrocesso, cujo fim pode ser a apostasia. Se alguém pode chegar ao extremo de recair depois de experimentar o dom celestial, sua recaída não pode ser classificada como pecado ordinário, pois ela envolve o repúdio da provisão de Deus em Cristo (torna a crucificar o Filho de Deus). Portanto, para ele, a esperança da renovação desaparece, pois Deus não tem nenhuma outra cura para o pecado quando o Calvário é rejeitado.

Ao escolher a rejeição de Cristo, o apóstata parece-se mais com um campo que só produz espinhos e abrolhos, embora a chuva que cai sobre ele e o lavrador que o lava, têm a intenção de produzir colheitas. Não pode haver nenhum engano quanto a advertência forte e direta dos leitores tentados a afastar-se de Cristo. Na verdade, o que era verdadeiro para aqueles crentes do primeiro século continua sendo verdadeiro para os crentes de hoje.

9-12. Mas tudo isso não se aplica aos destinatários, o escritor explica. Esta é a conclusão do assunto no que diz respeito aos seus leitores. Embora ele acabasse de falar com *severas palavras de advertência (houtos laloumen)*, ele diz que está convencido de **coisas que são melhores (ta kreissona)** a respeito deles. Deus não se esqueceria (*epilathesthai*) de tudo o que tinham feito por palavras e atos que foram ministrados aos seus irmãos cristãos, nem se eles continuassem ministrando. Era um sinal da sua sinceridade; eles deviam manter esse mesmo espírito e atitude de sinceridade por toda a vida (v. 11). Eles deviam manter diante deles o esplêndido exemplo de todos aqueles que perseveraram tão sinceramente (v. 12), e eles desfrutariam das promessas divinas cumpridas. Eles deviam copiar a fé e a prática daqueles que foram robustos na fé.

13-20. Eles tinham a firme garantia da aliança feita com Abraão, por penhor. A esta altura Abraão foi introduzido como um exemplo de perseverança. E Abraão perseverou porque Deus garantiu-lhe pelo Seu

próprio nome a aliança que fez com ele. Tendo jurado pelo Seu próprio nome, Deus não poderia ter mentido a Abraão, porque ambas, Sua autoridade e Sua integridade estavam em jogo. Deus é imutável, e nós temos o mesmo forte incentivo que Abraão teve no seu tempo. Nossa garantia está em Jesus, que já se encontra no santuário celestial. Por juramento e por promessa, aqueles cuja esperança repousa em Cristo, como a **âncora da alma**, verão realizada sua esperança de passar através do véu (simbólico, véu do Tabernáculo) porque Jesus já **entrou por nós**.

Como eterno sumo sacerdote no santuário, Cristo preenche o tipo sacerdotal de Melquisedeque, e o escritor retoma ao tema interrompido sobre a pessoa de Cristo **segundo a ordem de** ou *exatamente como*, Melquisedeque.

Hebreus 7

8) O Sacerdócio de Melquisedeque. 7:1-28.

Melquisedeque é um tipo definido de Cristo. Tudo o que sabemos sobre Melquisedeque encontra-se em duas passagens do V.T. - Gn. 14:17-20 e Sl. 110:4. Nos dois exemplos sua posição de sacerdote de Deus é transparente. Também a história da sua vida foi toda narrada na passagem de Gênesis. Nada mais se sabe sobre ele, e não está bem claro se a referência feita a Salém deve ser interpretada como feita a Jerusalém (Alf, IV, 125). Entretanto, não há nenhum engano em se aceitar Melquisedeque como um tipo do sacerdócio eterno de Cristo. Este pensamento serve para abrir caminho à discussão do sistema levítico.

Leonard indica 7:1 – 10:18 como o âmago da epístola. Ele fala dela considerando-a uma seção incomparável, havendo poucos paralelos seus, se é que há, no N.T., uma vez que desenvolve a avaliação comparativa dos mediadores sacerdotais das duas alianças (op, cit., pág. 32).

A importância de Melquisedeque e o significado da comparação de Melquisedeque e Cristo tem sido assunto de muita discussão. Opiniões sobre estas considerações variam grandemente. Cotton e Purdy (IB, XI, 660, 661) falam da "especulação de Melquisedeque" e do "método

alexandrino de interpretação alegórica", a qual significa, dizem eles, "uma falta de sinceridade com o fato histórico". E ainda o comentário deles sobre a passagem prossegue destacando claramente que Melquisedeque estabelece a "validade e a dignidade do sacerdócio de Cristo" e que Melquisedeque é "o protótipo do Filho . . . Ele (o escritor de Hebreus) apresentou provas que Jesus é o Filho; ele tinha agora de mostrar que Ele é Sacerdote".

A.B. Davidson, em seu *The Epistle to the Hebrews* (págs. 129,146 e segs.) discute todo o assunto do sacerdócio de Cristo, incluindo a questão de Melquisedeque. Ele estabelece corretamente o princípio básico. Com Melquisedeque, a função do sacerdócio não implica em discussão, mas sim as pessoas envolvidas no sacerdócio. Para todos os sacerdotes o ministério é essencialmente o mesmo, sendo apenas ampliado para o sumo sacerdote em relação ao Dia da Expição. Assim o escritor relaciona Cristo com Melquisedeque a fim de enfatizar que Cristo é *um sacerdote eterno*.

1-3. O incidente histórico registrado em Gn. 14:17-20 volta à tona. O escritor indica que Melquisedeque era um rei e por isso recebeu tributo de Abraão; mas, o que é mais importante, ele foi **sacerdote do Deus Altíssimo**, e portanto recebeu os dízimos de Abraão. Mais adiante ele logra o seu intento com referência ao fato de Melquisedeque ser um sacerdote de Deus antes do sacerdócio levítico ser estabelecido. (vs. 4-6). Na porção parentética dos versículos 2, 3, nota-se o fato que Melquisedeque não tem registro de genealogia ou sucessão. Também não se menciona o seu nascimento nem a sua morte foi registrada. Sua história é de alguém que não tinha **princípio de dias nem fim de existência**, mas foi **feito semelhante ao Filho de Deus**. Esta falta de informação a respeito do nascimento fortalece a tipologia de Melquisedeque em relação a Cristo. Assim o Sl. 110:4 enfatiza a eternidade do sacerdócio de Melquisedeque, *eis to dienekes*, **perpetuamente**, continuamente, para sempre (Hb. 7:3).

4-14. O que significa toda esta discussão sobre Melquisedeque espiritualmente? **Considerai**, ou *contemplai* (*theoreite*) a grandeza daquele a quem Abraão reconheceu ser superior dando-lhe dízimos. A verdade importante é que o sacerdócio de Melquisedeque era maior do que o sacerdócio de Arão e dos levitas porque (figuradamente) este último sacerdócio oferecia dízimos a Deus através do primeiro sacerdócio ou de Melquisedeque na pessoa de Abraão. Deste modo o **menor**, isto é, os levitas, é **abençoado pelo superior**, isto é, Melquisedeque. As implicações todas têm a intenção de demonstrar a superioridade e eternidade do sacerdócio deste último, que funcionou como sacerdote quando abençoou Abraão e (figuradamente) Arão e os levitas.

Nesta seqüência discute-se a relação do sacerdócio levítico com Cristo (vs. 11-14). Jesus não era de Levi mas de Judá. Isto O exclui da ordem dos sacerdotes sob a Lei. Sua humanidade O relacionava com a tribo de Judá, e portanto (v. 13) Ele não era qualificado no plano humano para servir no altar como sacerdote, pois Moisés não pronunciou nenhuma palavra concedendo autoridade ou função sacerdotal a Judá.

15-28. A pergunta técnica se Cristo era /é um sacerdote responde-se por si mesma porque Ele é de outra ordem sacerdotal. Esta ordem adjudicou-se superior em todos os pontos ao sacerdócio levítico, e esta ordem é eterna.

16. O poder de vida indissolúvel (*akatalytos*) não aparece em nenhum outro lugar do N.T.

18-20. A Lei de Moisés mencionada na frase **se revoga a anterior ordenança** foi ab-rogada ou posta de lado porque Cristo é o sacerdote de Deus selado com um juramento (Sl. 110:4).

22. Cristo é o **fiador** (*engyos*) de que o juramento divino será cumprido nas promessas e garantias da nova aliança.

23-28. Cristo **continua para sempre** e não está sujeito à morte. A sepultura foi derrotada. Ele pode portanto **salvar totalmente**, completamente e até o fim, isto é, eternamente, qualquer um que invocá-

Lo. Do mesmo modo Sua intercessão pelos Seus não tem fim. Estes ministérios são garantidos pelo Seu próprio caráter (**santo, inculpável, sem mácula, separado dos pecadores**), Suas funções (como sacrifício expiador), e Seu relacionamento.

B. Cristo, o Ministro e Sumo Sacerdote da Nova Aliança. 8:1 - 10:18.

A nova aliança, o sistema levítico da velha aliança e o ministério sacerdotal de Cristo são agora reunidos nas declarações conclusivas sobre o argumento principal da epístola. Em resumo, fez-se referência ao tabernáculo no deserto para que o contraste com o santuário celestial pudesse ser introduzido. Cristo está no santuário celestial, Sua presença ali já foi anteriormente descrita (4:13-16). Ele está lá na qualidade de sumo sacerdote realizando serviço sacerdotal com base no sacrifício, sendo Ele também o sacrifício. Três conceitos estão assim combinados, a saber, sacrifício expiador, serviço sacerdotal e santuário celestial.

Hebreus 8

1) A Nova Aliança em Relação à Velha Aliança. 8:1-9.

Jeremias mencionou a nova aliança séculos antes desta discussão sobre sua importância (Jr. 31:31 e segs.). Em Hb. 8:8, ambos, Israel e Judá são chamados de recipientes de bênção e divino auxílio na prometida nova aliança. A nova aliança contrasta claramente com a velha aliança (vs. 8,9). Comprova-se ser inclusiva, como também é uma **superior aliança** porque está garantida por **superiores promessas** (v. 6).

1-5. A nova aliança foi estabelecida por Cristo, que é seu **ministro** (*leitourgos*). Ele ministra no **santuário** e no **verdadeiro tabernáculo** que foi edificado pelo **Senhor** (*kyrios*, evidentemente o Pai, Alf). Aqui Cristo ministra como sumo sacerdote, tendo plena autoridade (vs. 1, 2). Sua posição no santuário celestial está em perfeita ordem. Ele ofereceu ao Pai sacrifícios e serviço. Ele ofereceu-se a Si mesmo como o sacrifício aceitável (uma idéia desenvolvida melhor nos caps. 9, 10), e o Seu serviço é o do sumo sacerdote diante de Deus, servindo no santuário.

No versículo 4 há uma possível indicação de que esta epístola foi escrita antes da queda de Jerusalém em 70 A.D., devido ao pensamento que os sacerdotes ainda servem e **oferecem dons segundo a lei**. Estes servem apenas como **figura e sombra** dados a Moisés, que viu o verdadeiro ou mal (celestial) santuário no Monte Sinai (Êx. 25:40).

6-9. O contraste toma-se mais agudo (v. 6). Um serviço melhor, ou um **ministério tanto mais excelente . . . uma superior aliança**; e tudo baseado em **superiores promessas**. Se a velha aliança fosse satisfatória, Deus não teria encontrado defeito nela nem teria falado em substituí-la como falou por intermédio de Jeremias, o profeta (Jr. 31:31 e segs.). O profeta falou da concessão da velha aliança, do fracasso de Israel em cumpri-la, e da decisão de substituí-la em algum tempo futuro para Jeremias.

2) O Melhor Concerto Explicado. 8:10-13.

O escritor se apropria da profecia de Jeremias para explicar a natureza e as provisões da nova aliança. Sob a nova aliança: 1) Deus coloca novas leis nos corações e mentes do povo (o que foi realizado por Cristo através do novo nascimento, estabelecendo assim a nova aliança como uma aliança de relacionamento). 2) Ele estabelece um novo relacionamento com eles – **E eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo**. 3) O povo tem uma nova função – **ensinará . . . cada um ao seu próximo. . . Conhece ao Senhor** (v. 11). 4) E a verdade de Deus tem um novo alcance – **todos me conhecerão**. 5) Uma nova purificação é providenciada, com o perdão dos pecados e iniquidades por meio de Cristo, o sacrifício e a garantia da nova aliança (v. 12). O velho é substituído pelo novo, e o velho está no ponto de desaparecer completamente (v. 13).

Hebreus 9

3) O Novo Santuário e o Sacrifício Perfeito. 9:1-28.

A familiaridade com as funções do sacerdócio araônico conforme descrito na última metade de Êxodo e em Levítico ajuda grandemente a compreensão destes versículos. O serviço do sumo sacerdote no Tabernáculo foi descrito à moda de um sumário em relação às diversas peças do mobiliário e suas funções. Como no capítulo anterior, o propósito é novamente esclarecer o contraste entre o serviço superior de Cristo como sumo sacerdote no santuário celestial e o de Arão como sumo sacerdote na terra.

1-10. As velhas práticas são explicadas como ordenanças de um **santuário terrestre**. O escritor toma o cuidado de não deixar que seus leitores se enganem com a localização do serviço sacerdotal levítico. Ele cita os itens do mobiliário no Tabernáculo e os identifica posicionalmente por **Santo Lugar, santuário**, E.R.A., E.R.C. (*hagia*); e **Santo dos Santos**, (*hagia, hagon*). O primeiro era a primeira dependência no Tabernáculo terrestre, e o último era a segunda ou a dependência interior. Esta cuidadosa descrição é importante para uma compreensão das atividades dos sacerdotes levíticos e do sumo sacerdote em relação às duas dependências. O ministério dos sacerdotes era naturalmente mais importante do que o mobiliário, conforme indica a frase, **dessas coisas, todavia, não falaremos agora pormenorizadamente**, ou *individualmente* (v. 5).

Os sacerdotes levíticos ministravam diariamente no Lugar Santo, mas não atravessavam o véu que dava para o Santo dos Santos. Quando os sacerdotes ministravam diariamente no altar do incenso no Lugar Santo o povo recebia purificação cerimonial. Expição ou perdão só se obtinha uma vez por ano, no Dia da Expição (veja Lv. 16), quando o sumo sacerdote passava pelo véu e se aproximava do propiciatório carregando o sangue do sacrifício. Mas essas foram **ordenanças da carne** (Hb. 9:10), porque o Tabernáculo terreno, seu mobiliário e seu serviço, eram imperfeitos. O véu ficava entre as duas salas do santuário do Tabernáculo dando testemunho perpétuo de que o caminho direto a Deus ainda não estava aberto (veja 4:13-16). Este fato o Espírito Santo

testemunhava (9:8). Havia também um limite de tempo específico sobre a duração do sacerdócio levítico e o Tabernáculo terrestre (v. 10). Tinha de haver um **tempo oportuno de reforma**.

11-14. Cristo inaugurou este tempo de correção entrando como **sumo sacerdote** no tabernáculo celestial, ou **no maior e mais perfeito tabernáculo**, apresentando o seu próprio sangue sobre o propiciatório celestial como expiação. Uma **eterna redenção** foi de uma vez para sempre matizada pelo sacrifício eterno do Filho de Deus. A repetição desse ato não é necessária nem possível. O contraste entre o sangue de bodes e bezeros anualmente oferecidos e os outros símbolos cerimoniais do sistema levítico e a morte expiatória de Cristo toma a ser explicado. De muito maior importância é o sangue de Cristo **que pelo Espírito eterno** Se ofereceu a Si mesmo (*dia pneumatos aioniou*). **Pelo Espírito eterno** provavelmente significa *Seu eterno Espírito*, e refere-se ao consentimento de Sua própria vontade em Se oferecer em relação a Sua posição na Divindade. Deste modo Seu sacrifício foi eterno e não temporal. A interpretação exata de **Espírito eterno** é difícil de determinar (cons. Davidson, *Epistle to the Hebrews*, pág. 178; CGT, pág. 119).

Esta obra redentora e expiatória de Cristo satisfaz ambos, as exigências legais sob a Lei e as exigências pessoais de uma consciência purificada. Fornece pureza interna como também livramento externo e eterno. Este era um argumento particularmente importante à luz da tentação de apostatar da parte de pelo menos alguns dos leitores desta epístola. Como pecadores libertados e purificados, eles, eram especialmente obrigados a prestar culto a Deus e não retornar às obras mortas do Judaísmo.

15-28. O caminho para o santuário celestial é mediante a morte expiatória. Este é o significado funcional de **Mediador da nova aliança**. Isto é verdade porque a **morte** interveio, a morte de Jesus Cristo sobre a cruz. Uma transação foi efetuada ali a qual satisfaz inteiramente todas as exigências redentoras, e isto resulta em perdão e **eterna herança**.

16. Esta nova aliança pode ser considerada como um testamento selado com a morte dAquele que o fez. Nos tempos do V.T. o sangue do sacrifício animal selava uma aliança entre os pactuantes. A morte de Cristo selou a nova aliança.

17. Acrescentou-se aqui um argumento para fortalecer o fato sob consideração. A ênfase foi posta sobre **testamento** (*diathêkê*; cons. Alf) selado pelo sangue e pelo derramamento de sangue. Este é o único caminho no qual uma aliança pode entrar em vigor. E esta é uma aliança melhor. Ao longo de todos esses versículos o ponto alto é que a morte é necessária.

18-22. O sangue dos sacrifícios animais era inseparavelmente ligado ao Tabernáculo terreno ou primeiro Tabernáculo. Depois que Deus deu as promessas e instruções a Moisés, então Moisés tomou o sangue dos sacrifícios e o aspergiu simbolicamente sobre tudo o que envolvia o primeiro testamento. Por isso passou a ser chamado o **sangue da aliança**. Por meio desse ato essas coisas terrenas foram purificadas e então mantidas puras e identificadas com Deus e Sua aliança com Israel. Isto foi necessário porque não há remissão sem o sangue do sacrifício. A verdade fundamental sobre a qual muitos tropeçam é a declaração do versículo 22 que **sem derramamento de sangue não há remissão** (cons. Êx. 24: 3-8).

23-28. Aqui a finalidade da obra expiatória de Cristo está mais detalhadamente explicada.

23. Novamente, **sacrifícios. . . superiores** é a chave. O céu está livre da mancha do pecado humano porque o sangue de Cristo foi derramado (cons. Moll em J.P. *Lange's Commentary on the Holy Scriptures*; ou Êx. 24:3-8).

24-26. Finalmente. Cristo está no Santo Lugar ou santuário celestial, aparecendo lá em nosso benefício (v. 24). Ele não entra e sai anualmente, pois o Seu sacrifício é completo (v. 25). Ele sofreu uma única vez; Seu sangue foi derramado uma só vez; e no Seu sofrimento e morte, o pecado foi derrotado de uma vez para sempre. Este

acontecimento está identificado com a consumação dos séculos, (E.R.C.), ou **ao se cumprirem os tempos** (E.R.A.). Esta indicação de tempo e a quase imediata referência à Segunda Vinda (v. 28) sugere que o povo de Deus nas gerações imediatas a Cristo ligavam a morte do Senhor com a Sua volta como acontecimentos intimamente relacionados em importância, a não ser no tempo.

27,28. Uma morte física precede julgamento. Cristo sofreu essa morte, e fazendo assim Ele morreu de uma vez por todas. Nisto tomou sobre Si – **os pecados de muitos** (v. 28). E Ele virá uma segunda vez não para assumir o pecado, mas para se encontrar com os pecadores cujos pecados foram lavados em Seu sangue expiador. Estes são os redimidos de Deus **que o aguardam**. Então os crentes experimentarão a salvação total e a verdadeira presença de Deus. Aqueles que conhecem a alegria da salvação deveriam também conhecer a esperança da vinda do Senhor:

Hebreus 10

4) A Nova Aliança é Completa, Perfeita e Operante. 10:1-18.

Como os pecados podem ser removidos? A velha aliança oferecia um meio para o perdão dos pecados. Era satisfatório? O método funcionava? Estas perguntas formam o alicerce da fase final do argumento.

1-4. A velha aliança falhou. Foi simples sombra (*skia*) das coisas melhores por vir, uma imagem (*eikon*) do mal. Por causa disto, era fútil, em última análise, pois nunca deu a ninguém maturidade na fé e confiança. Se tivesse produzido crentes perfeitos, não teria sido substituída. O problema do pecado teria sido resolvido. O fato claramente apresentado é que as ofertas anuais e o sangue dos sacrifícios dos animais não podiam tirar o pecado. A palavra vital no versículo 4 é **impossível** (*adynaton*). Esta é uma declaração forte, conclusiva e verdadeira.

5-10. O Salmo 40:7-9 foi usado aqui tipologicamente. Davi foi citado como tendo falado do Messias e Sua entrada no mundo em forma humana. A vontade de Deus para o Messias foi realizar uma completa expiação do pecado. Isto exigia sacrifício e derramamento de sangue e portanto um corpo preparado de modo que pudesse sofrer. No sofrimento e morte a vontade de Deus foi inteiramente matizada e a segunda ou a melhor aliança foi plenamente estabelecida. Como insultado, os crentes foram mudados porque foram purificados e santificados **mediante a oferta do corpo de Jesus Cristo, uma vez por todas** (v. 10). Por meio desta oferta, foi feita a expiação, o que agradou perfeitamente a um Deus santo.

11-13. O triunfo final do Messias vê-se no fato de que Ele não vem repetidamente, nem representa uma redenção incompleta; mas ao oferecer-se a Si mesmo, Cristo assentou-se à **destra de Deus**. Novamente se faz referência à posição ocupada por Cristo, o lugar de autoridade e Seu serviço sacerdotal. Para os crentes, Ele governa e intercede, dois aspectos do ministério de Cristo continuamente mantido diante dos que eram tentados a apostatar voltando ao Judaísmo, ao mero legalismo e ao ritualismo. O Reino de Cristo tornar-se-á verídico. Enquanto isso, Ele pacientemente aguarda o momento de Seus inimigos serem subjugados. Então não haverá mais oposição a Cristo ou ao Seu governo.

14-18. A aliança profetizada por Jeremias foi cumprida. Os crentes em Cristo estão agora aperfeiçoados, purificados, aptos para a comunhão perpétua com Deus. A palavra **aperfeiçoou** (*teteleioken*) significa "completou". Isto é, foi alcançado o fim que estava em vista; o crente está preparado para entrar no santuário, e sua esperança terrena está assegurada (cons. EXpGT). Isto significa crescimento e também o gozo dos privilégios.

O escritor torna a citar Jr. 31:33 e segs., para indicar como o coração de um crente está mudado pela fé em Cristo, e como a sua própria natureza se transforma. Jeremias predisse que o Espírito Santo

falaria através dele. A remissão dos pecados agora é completa, e o que Jeremias falou em profecia agora é uma realidade. Os pecados já não são mais lembrados e as vidas são inteiramente transformadas por tudo o que Cristo realizou na morte expiatória. A obra foi realizada.

III. Os Elementos da Vida da Fé. 10:19 – 13:17.

Agora uma exortação conclui os últimos pensamentos do escritor. Esta seção final é uma composição exortatória com todas as idéias centralizadas na palavra – **fé**. A exortação tem em vista a constância da fé, com advertências colaterais sobre os resultados que devem ser esperados quando a vida da fé é rejeitada ou desprezada. O pensamento da fé completa-se com o epílogo pessoal com o qual a epístola finalmente termina. O pensamento de uma vida de fé ativa é um ponto importante, à volta do qual o escritor ajunta seus argumentos e advertências finais. O pensamento introduzido com aproximemo-nos com sincero coração, em plena certeza de fé permeia tudo o que vem a seguir. Por meio de descrições, advertências, exemplos e outros meios que lhe parecem vir à mente, o escritor expõe o caso claramente em uma frase, em plena certeza de fé.

A. Descrição da Vida da Fé. 10:19-25.

A vida da fé precisa em primeiro lugar ser compreendida. Se um mestre descobre que a fé de um crente é fraca, então deve falar mais de uma fé ousada que toma os crentes fortes e confiantes. Esta ousadia se encontra na garantia eterna de que Cristo entrou no santuário e na presença de Deus, tomando também possível a cada crente entrar no santuário e na presença de Deus. Se este é o privilégio dos crentes, e é, então os crentes devem aproveitar-se desse privilégio. Devem exercitar a prerrogativa de se aproximarem, porque Cristo, o Filho que está sobre a casa de Deus e é o sumo sacerdote na geração eterna (de Melquisedeque)

que tomou-a possível. Nesta expansão de 4:13-16, o escritor nos incentiva a sermos ousados.

19. Intrepidez, ou confiança. Por causa de tudo quanto o Senhor Jesus Cristo realizou, temos ousadia. Temos livre acesso **pelo sangue de Jesus**; o caminho já foi aberto.

20,21. Aqui estão os meios de acesso, **pelo novo** (*prosphaton*) e **vivo caminho que ele nos consagrou**. O véu já não bloqueia mais o acesso a Deus, nem a natureza humana, simbolizada pela referência à carne (*sarx*). O sofrimento de Cristo na carne removeu esta barreira para sempre. Quando o Seu corpo foi rasgado na cruz, o véu entre Deus e os homens também foi rasgado, dando acesso imediato a Deus. E Cristo é o **grande sacerdote**, ou *grande sumo sacerdote*, como em 4:14, matizando o trabalho de um **grande sacerdote** no santuário.

22. Aproximemo-nos, implica na idéia de aproximação de Deus freqüente, franca, íntima, sem hesitação, mas sempre com um coração purificado, **sincero coração; corações purificados** e uma certeza perfeita de que o caminho a Deus está aberto para nós. O coração purificado e a fé perfeita são as idéias predominantes; uma ênfase secundária recai sobre a tríade: coração, corpo e consciência purificados.

23. Confissão da esperança. Uma confissão inabalável de fé no Cristo vivo. Deus envolve nossa esperança com Suas próprias promessas, **pois quem fez a promessa é fiel**. Isto fala, então, de mais uma afirmação baseada sobre fé na fidelidade de Deus.

24. Com a certeza vem a preocupação com os outros. Isto se manifesta na prontidão dos crentes em se reunirem (v. 25) e também em sua disposição de dar e receber exortação e instrução úteis. *Estimular*. Estimular, provocando e encorajando (*paroxysmos, paroxysm*). **Amor e boas obras** devem ser despertadas para com os demais crentes.

25. Assembléia e comunhão são duas evidências da fé vital. Quando o zelo descai e a fé vacila, o desejo de manter comunhão com outros crentes também enfraquece. O estímulo do versículo 24 se torna possível através da congregação. Quando os cristãos se refinem, eles se exortam

mutuamente ao serviço frutífero e à comunhão ininterrupta. O perigo da apostasia está emboscado na falha dos crentes em se reunirem e Se ajudarem mutuamente (*parakalountes*, "encorajamento mútuo").

O dia. A mais curta das referências à vinda do Senhor Jesus Cristo. Uma referência direta à Segunda Vinda. A urgência da passagem no que se refere à exortação deve-se à iminência deste Dia de Cristo. Neste ponto, surgem algumas dificuldades em relação à queda de Jerusalém. A primeira referência desta declaração pode ser ao juízo de Jerusalém que era iminente. Mas é evidente que a queda de Jerusalém não poderia cumprir esta promessa inteiramente. Assim a declaração parece pressupor um outro juízo final também.

B. Uma Descrição Daquelles que Desprezam Este “Caminho Novo e Vivo”. 10:26-39.

A exortação à constância continua com uma aplicação ou advertência negativa. Alternativas são descritas em agudo contraste, como por exemplo, fé ou incredulidade, fé e prática ou terrível juízo, aceitação ou rejeição à luz do Calvário.

26. Se vivermos deliberadamente em pecado (*harmartanonton*, "enquanto estivermos pecando voluntariamente") e conhecimento (*epignosis*, "pleno conhecimento") governam esta passagem. Neste caso não há falta de *compreensão* da verdade, como no caso dos falsos mestres mencionados em II Pe. 2:20, 21, onde a mesma e forte palavra foi duas vezes usadas para **conhecimento**. O pensamento básico nesta passagem onde o ponto alto é a advertência, é o mesmo de Hb. 6:4-6. Uma rejeição deliberada da cruz por alguém que conhece o caminho, deixa Deus sem alternativa. Quando a misericórdia é rejeitada, o juízo deve cair.

27-29. O julgamento é o que vem a seguir. A prática sob a lei mosaica foi citada para estabelecer o contraste. Este julgamento virá sobre os **adversários** de Deus, e a rejeição do versículo 26 coloca os

rejeitadores aparentemente sobre aqueles adversários. Será um julgamento horrível, terrível, porque o sacrifício expiador foi rejeitado.

Segue-se uma acusação tripla: 1) Desrespeito a Cristo, implícito no **calcou aos pés o Filho de Deus**; 2) rejeição da aliança comprada com sangue, considerando-a sem valor e profana; 3) desprezo da pessoa e obra do Espírito Santo.

30,31. De tal extrema condição não há remédio nem escapatória. Tais pessoas só terão a vingança a sua espera, declara o inspirado escritor, atando Dt. 32:35, 36 como prova. Esta apostasia sem esperança e rejeição extrema e irrevogável só conduz ao mais severo juízo de Deus. O Salmo 135:14 também é citado como prova destas declarações.

32-34. Novamente, o escritor traça um contraste. Continuando a exortação, ele descreve a fé e a paciência vigorosa nas provações e dificuldades. Ele faz os crentes se lembrarem de sua fé primitiva e da primeira bênção quando conheceram Cristo. Na alegria dessa recém-descoberta fé eles enfrentaram os **sofrimentos**, tentações (*athlesis*, como as lutas de um atleta), **vitupérios** (E.R.C) e **tribulações**. O tipo de luta – quer simpatizando com outros sob provação ou sofrendo perda pessoal por Cristo faz pouca diferença. A fé era forte; a aflição era bem recebida, e a confiança em Cristo era firme e constante. **Em espetáculo.** Eles foram transformados em teatro, colocados em um palco (*theatrizomenoi*) para que fossem olhados por todos; mas não vacilaram. Encorajando assim os crentes para que se lembrassem **dos dias anteriores**, o escritor personaliza sua exortação.

35-37. Paciência, ou **confiança**, à luz das coisas lembradas, não deve ser agora esquecida, nem rejeitada; pois esta é uma confiança baseada na certeza, uma ousadia oriunda da fé vital, uma vitória assegurada. E esta paciência é a maior das necessidades. Em vez de retroceder a um caminho mais fácil, os crentes devem manter a fé e a esperança em alto grau, com paciência firme, pois a recompensa é certa. Fazer **a vontade de Deus** deve ser o desejo que governa seus anseios na terra, para que sua recompensa celeste possa ser mais abençoada (cons.

Mt. 7:21). Eles devem ser pacientes, levando o fardo, não se desfazendo dele (*hypomenes*). E devem se lembrar das palavras de Hc. 2:3, **aquele que vem virá, e não tardará.**

38-39. A fé é a nota principal desta passagem. Aqueles que vivem pela fé e morrem na fé, finalmente se regozijarão na salvação final que está garantida em Cristo. Como Habacuque adverte, os homens não devem retroceder, pois nesse caso Deus está obrigado a agir conforme descrito em Hb. 10:26-31. Verdadeiros crentes não serão acusados desse recuar. Sua fé é daqueles que crêem **para a conservação da alma.** Na sua descrição da fé do verdadeiro crente, o escritor introduziu de maneira calma a fase seguinte de sua exortação.

Hebreus 11

C. Exemplos da Vida da Fé. 11:1-40.

Tendo introduzido a vida da fé como assunto de sua última exortação, e tendo descrito a mesma sob os dois aspectos, quanto a seus elementos e quanto a seus oponentes, o escritor apresenta agora o exemplo de numerosas pessoas que viveram essa vida da fé. É como se alguém que tivesse acompanhado todo o cuidadoso raciocínio do autor, solicitasse agora evidências ou provas para consubstanciar as declarações feitas. Alguém já viveu desse modo? Certamente! Quem foi? Hb. 11:1 – 12:4 é a resposta do escritor.

1-7. Primeiro ele explica a natureza da verdadeira fé, dando não tanto uma definição mas uma descrição. A fé é a confiança naquilo que não se vê. **Não** é confiança no que se desconhece, pois podemos conhecer pela fé o que não podemos ver com os olhos. Aqueles a quem o escritor dirigia seus pensamentos teriam agora a assistência do registro dos heróis do V.T, que viveram confiando no que não viram, ou pela fé. A fé é a extrema certeza e mais forte evidência de que os **fatos que se não vêem** do realidades (*pragmata*). A continuidade dos homens que creram em fatos que se não vêem, os heróis da fé, não foi interrompida.

Pelo ato da fé, os filhos de Deus sabem que o Senhor fez os mundos através da Sua palavra. Os grandes do V.T. viveram pela fé. Abel, Enoque, e Noé do mencionados como exemplos precisos de homens agindo pela fé. Também a geração que recebia a exortação devia viver pela fé. E cada geração. subsequente também devia viver pelas cousas que se esperam até a vinda de Cristo.

Abel ofereceu um sacrifício aceitável, que foi um sacrifício sangrento. E esta oferta estabeleceu tipologicamente o sacrifício com sangue como base para a entrada na vida da fé. A vida da fé só se transforma em vida pela expiação consumada. Abel continua falando. Enoque viveu urna vida piedosa. Seu alvo foi agradar a Deus a qualquer custo, e ele o conseguiu; **antes da sua trasladação . . . de haver agradado a Deus.** Este deveria continuar sendo o alvo de cada crente verdadeiro, e é impossível agradar a Deus sem a fé. Abel ofereceu sacrifício aceitável e Enoque viveu uma vida de comunhão ininterrupta. Noé creu que Deus julgada a terra, e isto se transformou em um incentivo para a sua vida da fé. Ele construiu a arca como evidência de sua fé. Ele colocou a sua fé em atividade à luz do juízo.

Noé viveu para ver sua fé e prática vindicadas. De um lado, ele comprovou a sua fé construindo a arca; por outro lado, ele viu a sua fé vindicada sendo livrado do Dilúvio. Assim ele juntou-se a esse glorioso grupo dos justos que viveram pela fé através da **justiça que vem da fé.**

8-13. Os outros patriarcas também deram o mesmo testemunho. Abraão, Sara, Isaque, Jacó, José e Moisés dão exemplos da vida da fé. Abraão e Moisés servem como exemplos melhores porque desempenharam um papel tão importante nos propósitos de Deus na terra. Abraão exemplifica a obediência na vida da fé. Quando Deus o chamou de Ur dos Caldeus, ele passou a viver em tendas, como um turista, um peregrino espiritual, com seus olhos fixos sobre a cidade que ainda não estava à vista.

Mais tarde prontamente ofereceu Isaque a Deus, inteiramente persuadido que a semente de Abraão, através de Isaque, predestinada a

abençoar o mundo, não ficaria sob nenhum perigo se Isaque morresse. Fiel a Sua promessa feita na aliança de que haveria uma semente, Deus poderia ressuscitá-lo. Até o nascimento de Isaque, o filho da promessa, foi uma evidência de fé da parte de Abraão e Sara. Pois seu filho nasceu quando eles estavam fisicamente velhos demais para tal acontecimento.

13-16. Para os crentes verdadeiros, viver pela fé é morrer **na fé**. A vida da fé é uma peregrinação. O céu é o único lar dos crentes fiéis. É a **pátria superior** para a qual aqueles que vivem pela fé estão plenamente destinados. E porque se entregaram a Deus, Deus também **não se envergonha deles**, e Ele o prova providenciando-lhes uma cidade ou lugar para a habitação dos Seus (Jo. 14:1, 2).

17-19. De Gênesis 22 vemos a fé de Abraão quando ofereceu Isaque no Monte Moriá. A fé de Abraão foi posta à prova em pelo menos dois modos: 1) exigiu-se que ele oferecesse a Deus a melhor e a mais querida de suas possessões; e 2) exigiu-se que ele oferecesse a Deus o filho da promessa. O futuro de Abraão só estava assegurado mediante Isaque. Se Isaque tivesse de morrer, o que seria da promessa de Deus a Abraão? Ao fazer a sua oferta, Abraão demonstrou de modo prático sua confiança em que a morte não era problema para Deus. A morte não pode ser uma barreira nem impedimento para Deus cumprir a promessa da aliança – **Deus era poderoso até para ressuscitá-lo dentre os mortos. Figuradamente.** Em parábola, semelhança, como se Isaque tivesse realmente retornado dos mortos; uma ressurreição.

20. Isaque abençoou Jacó e Esaú na promessa da aliança feita a Abraão, mas ainda futura para Isaque, relacionando-se assim **acerca das coisas que ainda estavam para vir** (veja Gn. 27).

21,22. Pela fé Jacó . . . Pela fé José. Evidência da fé dos patriarcas na promessa feita a Abraão. Jacó, abençoando os filhos de José, perpetuou a promessa e deu provas de fé e submissão quando adorava. José demonstrou sua fé na promessa da aliança feita a Abraão quando pediu que o seu corpo (**ossos**) fosse sepultado na terra prometida (Gn. 48:50).

23-29. De muitos modos Moisés exemplificou a vida da fé. Pela fé seus pais o esconderam desafiando uma ordem real específica (Êx. 1:16-22). Ele era uma criança formosa, portanto presságio de futuras bênçãos de Deus. Mais tarde, o próprio Moisés, pela fé, fez escolhas adequadas. **Filho da filha de Faraó.** Uma frase simbólica indicando que ele ocupava a posição de príncipe. Moisés escolheu o povo de Deus e as promessas de Deus mesmo que isto significasse aflição e adversidade. Nisto, Moisés tornou-se o libertador de um povo sem esperanças (Êx. 2). Ele preferiu também não desfrutar **dos prazeres transitórios do pecado.** (Alf., pág. 224). **O opróbrío de Cristo.** Ao que parece Moisés compreendia a verdade messiânica; por isso sua escolha de fé no Messias. Este **opróbrío** foi sofrido por Cristo, e é do mesmo modo sofrido por aqueles que o servem fielmente. Esta passagem sugere que Moisés tinha Cristo em vista.

Moisés também escolheu deixar o Egito. Novamente, com Cristo em vista, ele desprezou as riquezas da terra do seu nascimento e o poder e o prestígio do seu Faraó, ou rei. Esta declaração se refere ao êxodo de Israel do Egito com Moisés por líder. Moisés deu ainda mais evidências de sua fé comemorando a Páscoa como prova de que o livramento é pelo derramamento de sangue (Êx. 12). Observe a referência à fiel continuidade – **permaneceu firme** – um pensamento melhor desenvolvido em Hb. 12:1-4. Mais adiante, Moisés e o povo juntos pela fé testemunharam o milagre do Mar Vermelho – livramento para Israel, juízo para os egípcios.

30,31. Jericó caiu vítima da fé de Josué e dos filhos de Israel, e Raabe participou das bênçãos de Israel por causa de sua fé. O memorial à fé de Raabe lê-se em Mt. 1:5, onde ela foi incluída na genealogia de Cristo.

32-38. O escritor agora passa a acumular os exemplos, por causa da impossibilidade de examinar cada caso separadamente. A lista é impressionante, incluindo alguns dos Juízes; Davi, o maior dos reis de Israel; e um dos seus maiores profetas, Samuel.

A lista dos feitos é igualmente impressionante. Em alguns casos os incidentes mencionados são bem conhecidos; em outros são mais obscuros. Em cada exemplo, entretanto, alguma coisa especial daqueles que viveram pela fé foi apresentada. A vida da fé toma possíveis tais fatos de valor, grandeza, coragem ou perseverança. E esses são os tipos de experiência que aqueles que viveram pela fé são chamados a experimentar. Toda a história de Israel foi encampada nestas poucas e breves sentenças. Numa cuidadosa pesquisa do V.T. pode-se descobrir muitos dos acontecimentos mencionados.

39,40. Mas apesar de todas essas evidências de homens e mulheres do V.T. que viveram vidas de fé, permanece o fato de que eles não conheceram as bênçãos completas do perdão dos pecados e da comunhão com Deus através das provisões do Calvário. Eles viveram em antecipação da nova aliança, mas sem suas plenas provisões. Eles deram um testemunho positivo e eficaz, um **testemunho por sua fé**, ou como está na CGT, *foram feitos testemunhas mediante sua fé*, uma confirmação do próprio Deus.

Deus revelou um plano melhor, ou pelo menos um plano mais completo, nas gerações depois dos patriarcas e particularmente nas gerações desde o Calvário. A perfeição aguardou essas gerações, **para que eles sem nós, não fossem aperfeiçoados** (*teleiōhosin, teleiōo*, "tornar perfeito ou completo"). O todo da redenção realizada está sendo considerado.

Cada uma das pessoas mencionadas neste capítulo exemplifica alguma fase ou aspecto da vida da fé – obediência, ação com base nas promessas das coisas por acontecer, separação do sistema do mundo (Moisés), ou qualquer outra coisa. Mas o escritor ainda não completou seu argumento quanto à superioridade da vida da fé sobre a prática do legalismo mosaico. Um exemplo permanece, o Senhor Jesus Cristo. A fase final do argumento apresentado pelos exemplos culmina em "considerai" pois aquele" de Hb. 12:3. Tendo considerado todas aquelas

outras testemunhas, os leitores deviam agora "considerar aquele que suportou... para que não enfraqueçais, desfalecendo em vossos ânimos".

Hebreus 12

D. Cristo, o Exemplo Supremo da Vida da Fé. 12:1-4.

1,2. A exortação toma a ser renovada com vigor por causa dos exemplos apresentados no capítulo anterior. **Portanto** inclui todos os heróis do capítulo 11 que, junto conosco, serão **aperfeiçoados**. Eles são as **testemunhas**, que, como os espectadores de uma grande arena, observam o nosso progresso na carreira da vida da fé. **Corramos com perseverança** (Davidson, *Epistle to the Hebrews*, pág. 232) une as exortações à corrida e à perseverança, à luz do exemplo daqueles que já correram esta corrida fielmente. **De todo peso**. O supérfluo e desnecessário que poderia atrapalhar deve ser deixado de lado. Cada indivíduo deve decidir o que é supérfluo. Mas o que é **pecado** declarado não dá lugar à escolha individual; deve ser deixado de lado imediatamente após reconhecido, quando sai do seu esconderijo para agarrar (*euperistatos*, "emboscar, rodear, apanhar na armadilha") os incautos. Este tipo de pecado impediria a nossa carreira, ou nos faria correr mais devagar; portanto, fora com ele.

Olhando firmemente para ... Jesus. Uma referência ao exemplo supremo ou extremo à nossa disposição. O que Ele fez? **Suportou**. Nisto Ele é o líder ou autor, e *aperfeiçoador* ou **consumador da fé**. Nas passagens seguintes amplia-se este conceito. Nelas se apresenta o exemplo da firmeza paciente à qual cada crente é convocado – a do próprio Cristo (12:1). A recompensa da paciência de Cristo é a posição de autoridade e Sua ocupação ali. Nesta posição Sua **alegria** é completa, e assim também a nossa alegria será completa quando estivermos em Sua presença diante de Deus. À direita de Deus, Cristo realiza todas as funções de governo, de sumo sacerdote, e advogado, embora alcançasse esse lugar mediante sofrimento e paciência, isto é, o caminho da cruz.

3,4. Considerai (*analogizomai*, "comparem-se com", "reflitam") **aquele que suportou**. Uma ampliação do versículo 2. **Oposição** (*antilogia*) é um argumento contrário. Cristo foi literalmente uma contradição para os seus inimigos, que expressaram-se em ódio declarado e hostilidade. **Para que não vos fatigueis, desmaiando em vossas almas**, a melhor tradução do texto. (Veja CGT, pág. 154). A primeira classe sugere um súbito colapso na paciência, e a segunda um relaxamento mais gradual da vigilância.

Ainda não tendes resistido até ao sangue. Eles ainda não tinham experimentado toda a extensão da luta. Ainda não houvera martírio; nenhuma medida extrema, tal como indiscriminada tomada de vida, fora usada contra eles. Finalmente, deviam se lembrar que o pecado é o antagonista. Deviam continuar lutando **contra o pecado**, particularmente o pecado da incredulidade, que destrói a fé.

E. O Amor do Pai Revelado Através do Castigo. 12:5-11.

5-9. O escritor usa Pv. 3:11 e segs. para lembrar os leitores-ouvintes de que o castigo é uma parte do relacionamento que implica em amor, e ele também descreve este relacionamento por meio da analogia do pai e do filho. A exortação começa no fim da citação. Filhos que são dignos da sua filiação devem suportar o castigo. Às vezes não compreendemos o castigo, mas ainda assim temos de aceitá-lo e suportá-lo como parte de nossa educação. Por meio dele somos reconhecidos como filhos verdadeiros, e não filhos espúrios (v. 8) ou **bastardos** (*nothos*).

Uma vez que um pai terreno, quando é digno, corrige seus filhos, os filhos espirituais de Deus não deveriam ficar surpreendidos quando seu Pai celestial os castiga. Tal conhecimento ajudará os crentes a ficarem em sujeição ou submissos como verdadeiros filhos.

10,11. A ilustração provoca um contraste. **Eles. . . Deus**. Os pais terrenos exercem sua prerrogativa paterna só por um pouco tempo e para fins imediatos, mas Deus tem em vista vidas santas e fins eternos.

Nem na esfera terrena nem na celestial o castigo é coisa agradável no momento em que é recebido, mas os resultados finais mais do que justificam a disciplina. No reino celestial ou espiritual ela produz fruto pacífico da justiça. Portanto, a adversidade e o castigo são uma forma de educação.

F. A Conduta Cristã sob a Nova Aliança. 12:12-29.

A primeira coisa que os crentes devem fazer é deixar de lado a falta de coragem e os queixumes nas circunstâncias adversas. A vida da fé não é fácil, nem fica por isso mais fácil.

12,13. Eles devem aceitar a disciplina da adversidade e serem fortalecidos através dela. **Restabelecei as mãos descaídas.** Ou, *endireitar, fortalecer*, como alguém que se toma forte através da dificuldade. Mãos relaxadas e **joelhos trôpegos**, ou *vacilantes*, não são a descrição da firme paciência exigida para terminar a carreira. Fortalecendo assim as mãos e os joelhos, qualquer defeito provocado pelo desuso será curado. Aqui há uma possível sugestão de que as juntas que não estão firmemente mantidas no lugar e os músculos que não estão devidamente tensos podem acabar sofrendo deslocamento, ou distensão (*ektrape*). A verdadeira fortaleza de caráter demonstra-se quando a pessoa concentra suas energias no tempo da adversidade.

14,15. Os relacionamentos humanos melhoram quando se compreende a natureza da adversidade. **Segui a paz com todos.** Como alguém que busca a harmonia, como alguém que tem um espírito pacífico, e como alguém que deseja a união e a comunhão entre os justos. **E a santificação.** O termo que cobre ou abrange tudo (*hagiasmon*, "santificação"). **Senhor** (*kyrion*) é mais provável Deus e não Cristo. Certamente uma das provas essenciais da vida nova em Cristo está no modo pelo qual os crentes vivem uns com os outros.

A antítese segue-se. Aqui está alguém que é carente, que fracassa porque dentro dele profundamente enraizada está a **raiz de amargura** que envenena tudo e todos – **muitos sejam contaminados.** Esta raiz de

amargura é como uma infecção que se espalha por toda a comunidade (*hoi polloi*) dos crentes. Observe, isto descreve uma interrupção nas relações humanas entre os crentes porque um crente se tornou amargo.

16,17. Esaú serve de exemplo da desesperança de tal condição. Por sua própria escolha tornou-se **profano**, ou amante das coisas terrenas e sensuais, de modo que perdeu as duas coisas, o direito da primogenitura e a sensibilidade espiritual. Esta última condição, particularmente, é a antítese do padrão apresentado no versículo 14. Esaú trocou a paz e a santidade pelos prazeres terrenos imediatos. Quando Esaú tentou mudar sua condição, descobriu que era impossível. Ainda que a bênção de Deus ou o arrependimento fosse o objeto de suas lágrimas, foi tarde demais. Esaú foi culpado de pecado deliberado, de cujas conseqüências ele não encontrou libertação. Esta é a tição apresentada aos hebreus que estavam contemplando a possibilidade de praticar um ato de pecado premeditado na forma da apostasia ou volta à tradição de Moisés. Para o escritor a ilustração-advertência parecia óbvia.

18-24. A exortação continua com o que Davidson chama de "um grande final ao esforço . . . de manter firme sua confissão". O Sinai e o Monte São foram colocados em contraste entre si. O cenário para a concessão da Lei foi 1) um monte **aceso em fogo** (E.R.C.), envolto em **escuridão, trevas, tempestade**, e 2) **Ao clangor da trombeta e ao som de palavras**. Neste cenário Moisés foi tão tomado pela presença de Deus que temeu e tremeu grandemente (cons. Êx. 19:12 e segs. e Dt. 9:19).

Mas (vós) tendes chegado introduz todas as benditas realidades e personagens da nova aliança. O céu foi colocado contra a terra, o fenômeno contra o extra-terreno, a glória de Sinai contra a glória infinitamente maior do caminho aspergido pelo sangue. **Sião . . . à cidade do Deus vivo, a Jerusalém celestial . . . incontáveis hostes de anjos. . . e igreja dos primogênitos. . . Deus, o Juiz. . . justos aperfeiçoados. . . Jesus, o Mediador de Nova Aliança** – tudo isto constitui uma lista propositadamente impressionante por causa dos contrastes pretendidos. Novamente, o pensamento está transparente.

Certamente estas maravilhas e bênçãos ultrapassam de longe o alívio temporário a ser ganho mediante o «tomo ao Judaísmo para escapar à perseguição. Homens de fé têm esta resplendente esperança sob a nova aliança. Homens de fé já entraram na alegre companhia dos **primogênitos** e dos **justos aperfeiçoados** (*prototokon* e *teteleiomenon*, "primogênitos e aperfeiçoados", segundo Alf e Arndt. Veja também Davidson, *Epistle to the Hebrews*, pág. 245-250).

25-29. Prestem atenção a Cristo. Não recusem a voz de Cristo falando através do Evangelho. Se incorreram em perigo aqueles que recusaram a voz de Deus no Sinai, quanto maior o perigo que advirá àqueles que recusam ou rejeitam o mensageiro de Deus, o seu próprio Filho (1:2). Esta recusa é parecida com aquela dos homens que foram convidados para a "grande ceia" de Lucas 14:16 onde "todos . . . , começaram a escusar-se" (*paraiteomai*). Veja Lc. 14:18, onde foi usada a mesma palavra (Arndt).

Passa-se então a descrever o juízo, talvez o último. A terra será sacudida, e a vontade transitória se desvanecerá com ela; só permanecerá o que é eterno e permanente – **um reino inabalável**. Este reino será dado por Deus, não concebido pelo homem. Participação nele por meio da fé em Cristo deverá resultar em serviço prazenteiro e adoração reverente da parte de todos.

A palavra final é novamente de advertência. **Porque o nosso Deus é fogo consumidor** (cons. Dt. 4:24). O fogo é a forma final de julgamento (Ap. 20:10,14).

Hebreus 13

G. A Vida Cristã na Prática Diária. 13:1-17.

A vida cristã esboçada quanto ao relacionamento do crente com outras pessoas.

1-6. Em primeiro lugar foram mencionadas as situações normais. Como na epístola de I João, **o amor fraternal**, ou *seu afeto fraternal* (CGT) deve permanecer. Uma das constantes evidências de uma vida

cristã sadia é a maneira pela qual os irmãos cristãos se dão uns com os outros. Por causa da falta de lugares públicos de hospedagem, a hospitalidade também é recomendada, particularmente com referência aos estranhos que conhecem Cristo. Mateus 25:35-40 oferece o mais íntimo paralelo de **sem o saber acolheram anjos** (*elathon*, "inconscientemente").

Estas obrigações sociais ou relacionamento humano passa a ser mais expandido para incluir pessoas na cadeia – encarcerados. A expressão como se presos com eles inclui o pensamento duplo de simpatia e identificação. Os crentes devem partilhar o que têm com os presos como se eles mesmos estivessem presos. O uso moderno de "identificar-se" abrange a idéia. Uma vez que os crentes estão confinados ao corpo terreno, é possível que cada um sofra adversidade ou prisão. Por isso, devem simpatizar.

Então, é claro que o mais íntimo relacionamento humano deveria exibir todas as graças da vida cristã. Se estes hebreus se encontrassem em Roma ou em alguma outra das mais conhecidas cidades do Leste do Mediterrâneo, estariam vivendo no meio de uma sociedade na qual a castidade e a honra no casamento eram geralmente desprezadas. Por outro lado, alguns grupos ou seitas religiosas ensinavam o celibato e o ascetismo. O celibato não é uma proteção contra a imoralidade; mas antes o casamento honrado é que constitui o tipo de vida mais sadio. A castidade dentro dos laços matrimoniais constitui um forte testemunho cristão. Pessoas devassas e libertinas terão de um dia enfrentar seus pecados e práticas diante de Deus.

Quanto ao dinheiro, o escritor adverte: **Seja a vossa vida sem avareza** (*Libertai-vos do amor ao dinheiro*). *Aphilargyros* significa "sem amor ao dinheiro" e não **sem avareza**. O modo de vida (*vossos costumes*) ou disposição a ser cultivada é a satisfação com aquilo que se tem, ou as **coisas que tendes**. Se as torrentes de maus tratos que eram lançadas contra estes cristãos judeus por outros mais prósperos incluíam referências a sua falta de prosperidade, isto acontecia por conta de um

muito prático e inteiramente neotestamentário aviso. E ainda continua tendo efeito. Em lugar de procurar o conforto dos bens materiais, os cristãos devem buscar o seu conforto na presença e provisão do próprio Deus, pois Ele não os abandona nem falha. Assim, **afirmemos confiantemente: . . . não temerei; que me poderá fazer o homem?** A última cláusula é realmente uma pergunta. Josué 23:14 e Salmo 118:6 testificam da fidelidade de Deus.

7-9. Na Igreja, especialmente, todas as graças cristãs deveriam ser encontradas. Lembrem-se do exemplo, diz o autor, daqueles que foram os primeiros a lhes ensinar a verdade cristã. Eles eram notados pela apresentação de uma mensagem verdadeira e um exemplo piedoso. Eles falavam a palavra de Deus e viviam vidas santas até o fim de suas vidas na terra. **Imitai a fé que tiveram.**

O exemplo seu e deles, ele continua, é a pessoa imutável do Senhor Jesus Cristo. Ele é o mesmo; seus propósitos são os mesmos; seus alvos são imutáveis. **Jesus Cristo ontem e hoje é o mesmo, e o será para sempre,** sustentando e apoiando assim as declarações do versículo 7. Devoção a Cristo, que é imutável, deverá insultar em clareza de doutrina. Então ninguém será levado em redor, ou desviado por estranhos ensinamentos ou práticas estranhas em nome do Evangelho. As contradições dos mestres humanos, o externalismo e a prática embrionária da justificação pelas obras que incluía a abstinência de certos alimentos deveriam ser evitadas.

10-17. Não temos nenhum sacrifício a fazer; em Cristo já foi feito um sacrifício por nós; por isso **possuímos um altar.** As ordenanças do V.T, conforme aqui descritas já não têm mais valor. Quando Cristo sofreu a morte fora do arraial sobre a cruz, uma das coisas realizadas foi o descartar-se dos costumes levíticos. Agora eles são supérfluos. A identificação do crente é com Cristo **fora do arraial.** Isto significa rejeição do Judaísmo de um lado e rejeição pelos judeus do outro. Para esses cristãos hebreus, esse era o **vitupério** que tinham de levar.

Tendo Cristo morrido como oferta pelos pecados, os crentes deviam demonstrar, **por meio de Jesus**, uma conduta adequada aos redimidos (vs. 14-17). 1) Deviam fixar sua esperança não nas ordenanças do V.T., mas na cidade celestial e na perspectiva celestial; 2) deviam louvar e agradecer a Deus, uma vez que o fruto dos lábios devia ser o transbordamento de um coração cheio; 3) deviam mostrar benevolência de todo o tipo, pois Deus não se esquece disto; e 4) deviam ser obedientes e submissos. Agradar a Deus poderia finalmente ser reduzido a três práticas ou atitudes fundamentais, todas mencionadas nesta passagem – louvor, obediência e submissão. Isto, pouco comentário exige à luz da verdade neotestamentária. A benevolência é o que se segue naturalmente. No versículo 17 a submissão se relaciona praticamente à atitude dos crentes para com os seus próprios líderes. Com estas palavras de responsabilidade colocada sobre ambos, discípulos e líderes, o escritor encerra a composição prática e exortatória que começou com 10:19. O restante é pessoal.

IV. Epílogo Pessoal. 13:18-25.

Com alguns poucos pedidos pessoais, uma subscrição e saudações, e uma breve bênção, o escritor conclui.

18,19. Orai por nós. Um pedido pessoal. O escritor pede que seja lembrado quanto 1) à sua vida, testemunho e serviço pessoais; e 2) seu desejo de logo se encontrar entre eles. Este é um pedido de oração específico.

20,21. Ele promete que, em troca, vai orar por eles, especialmente no que se refere à obediência à vontade de Deus. Esta subscrição em forma de oração deveria constituir uma bênção particular àqueles que ouviriam ou leriam a carta.

Fala de:

1) Conforto para enfrentar, durante e sob as perseguições; para que tivessem acesso e comunhão com o **Deus da paz**.

2) Esperança no Cristo ressurreto; literalmente, o que Deus **tornou a trazer dentre os mortos.**

3) Cuidado pessoal e pastoral a **Jesus nosso Senhor, o grande Pastor das ovelhas.**

4) Doutrina e teologia. Todo o conforto, esperança e cuidado pastoral está selado e garantido **pelo sangue da eterna aliança.**

Seguem-se certos pedidos e desejos pessoais:

1) **Que vos aperfeiçoe em todo bem** (v. 21), ou mais corretamente, *que Deus realize em vocês o que ainda está faltando.* Este pedido transmite o desejo do autor de que os crentes pudessem se encaixar adequadamente em suas tarefas, sem fraqueza, faltas ou falhas. Os crentes precisam ser *aperfeiçoados (katartizo).*

2) Conhecer e fazer toda a vontade de Deus. Já que Deus opera em nós, nós desejamos trabalhar para Ele em submissão e obediência devotadas.

3) Agradar a Deus através de Jesus Cristo. Só o Filho que habita em nós e opera em nós através do Espírito Santo e da Palavra de Deus pode nos levar a agradar a Deus. Que este pedido seja o clamor dos nossos corações.

22-25. Talvez aqui tenhamos o versículo-chave da epístola (veja Introdução, **A Argumentação da Epístola**) quando o escritor implora a seus leitores que aceitem *esta exortação.* Ele expressa a esperança de que ele e Timóteo logo estariam aptos a visitá-los. Envia uma saudação cristã generalizada a todos, e acrescenta o indefinido **os da Itália vos saúdam,** ou *aqueles que são os da Itália vos saúdam,* uma declaração generalizada indicando que os amigos da Itália revelaram ao escritor que queriam ser incluídos na saudação cristã.

As palavras finais são uma bênção em forma de breve oração, **a graça seja com todos vós.**